

ORDEN DO MÉRITO CULTURAL 2009

25 DE NOVEMBRO

HOMENAGEM A HEITOR VILLA-LOBOS 05/03/1887 - 17/11/1959

ORDEN DO MÉRITO CULTURAL 2009

Ministério
da Cultura



Homenagem a Heitor Villa-Lobos 7

Agraciados Ordem do Mérito 2009

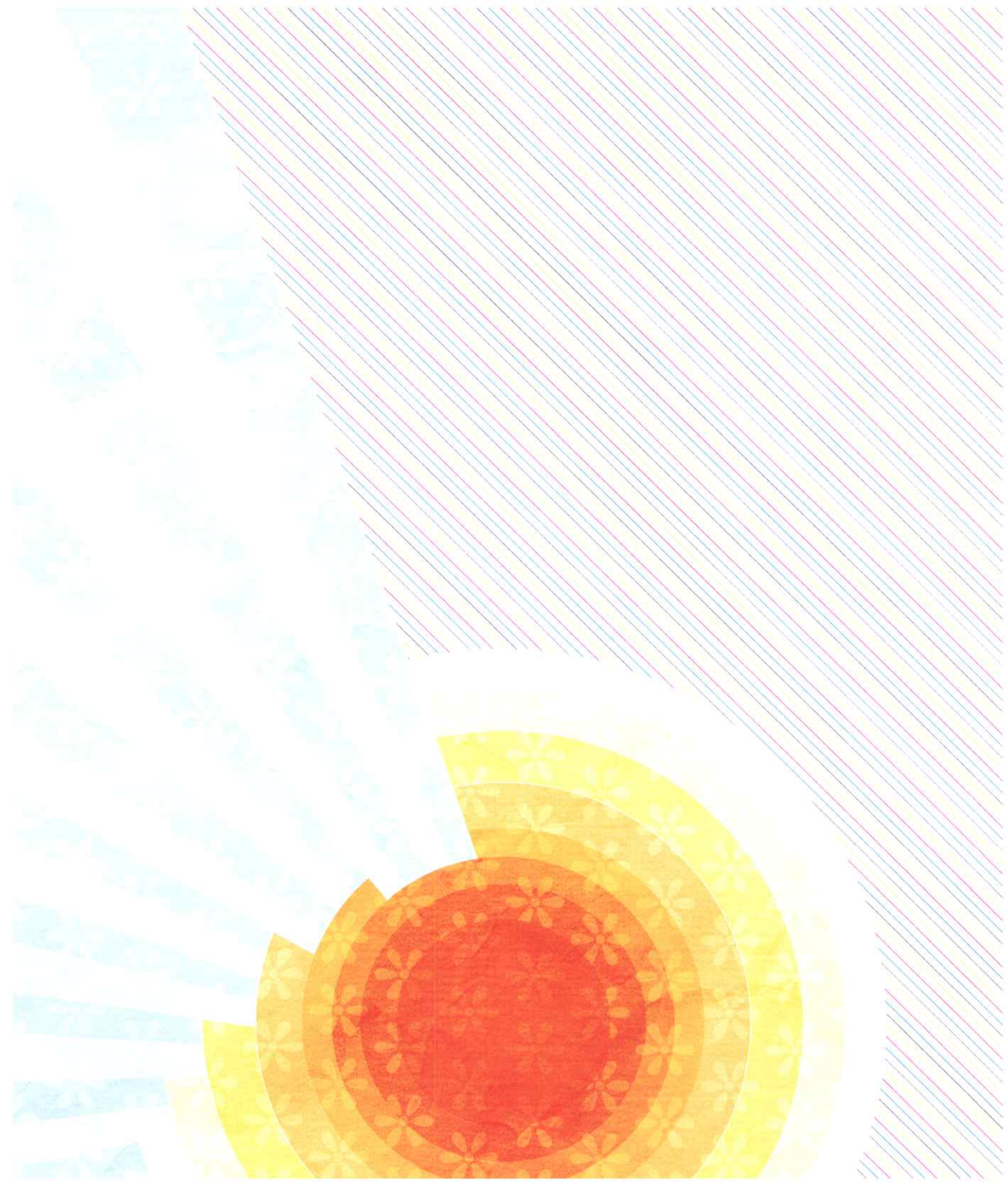
Aderbal Freire-Filho	10
Alexandre Wollner	11
Angela Maria	12
Ataulfo Alves	13
Balé Popular do Recife	14
Beatriz Sarlo	15
Bispo do Rosário	16
Boaventura de Sousa Santos	17
Burle Marx	18
Carlos Manga	19
Carmen Miranda	20

Chico Anyasio	21
Davi Kopenawa Yanomami	22
Deborah Colker	23
Elifas Andreato	24
Fernanda Abreu	25
Fernando Peixoto	26
Filhos de Gandhy	27
Fundação Iberê Camargo	28
Gerson King Combo	29
Heleny Guariba	30
Instituto Olga Kos	31
Ivaldo Bertazzo	32
José Eduardo Aqualusa	33
José Miguel Wisnik	34



Índice

Laerte	35	Osgemeos	48
Luiz Olimecha	36	Patativa do Assaré	49
Lydia Hortélio	37	Paulo Bruscky	50
Mamulengo Só-Riso	38	Paulo Vanzolini	51
Manoel de Oliveira	39	Raul Seixas	52
Maracatu Estrela de Ouro		Samico	53
da Aliança	40	Sergio Rodrigues	54
Maria Lucia Godoy	41	Teatro Vila Velha	55
Mestre Vitalino	42	Video nas Aldeias	56
Mia Couto	43	Walmor Chagas	57
Miguel Rio Branco	44	Zeca Pagodinho	58
Nathalia Timberg	45		
Ney Matogrosso	46	Agraciados das	
Noca da Portela	47	edições anteriores	59



Homenagem a Heitor Villa-Lobos

Nesta 15ª edição da Ordem do Mérito Cultural, escolhemos Heitor Villa-Lobos como o grande inspirador das homenagens em 2009. Na genialidade de sua obra está contida a capacidade de combinar tradição com inovação. Sua criatividade se movimentou no universo da música sinfônica, explorando e dando universalidade à riqueza da cultura popular. Foi um mestre em operar a linguagem em diversos suportes e se expôs ao debate

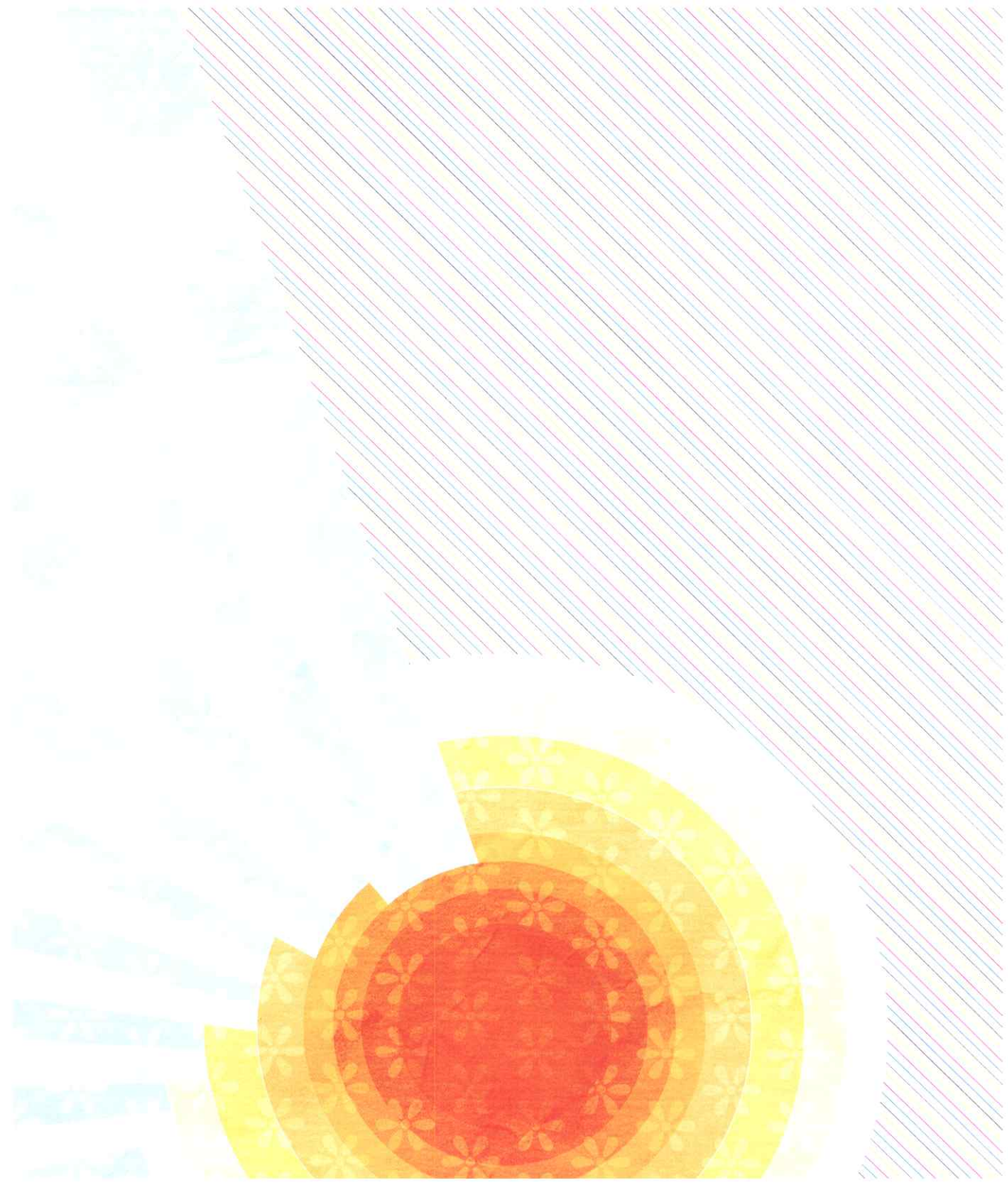
pela linha do diálogo, provocando reflexão e possibilitando-nos um alto grau de maturidade cultural.

A sua obra inspirou a escolha desta constelação de premiados, representantes dos mais diversos campos das artes, da cultura popular, erudita e contemporânea, retratando, em suas diferentes formas, o significado do quanto a cultura é estrutural na construção do Brasil e de suas múltiplas maneiras de ser.

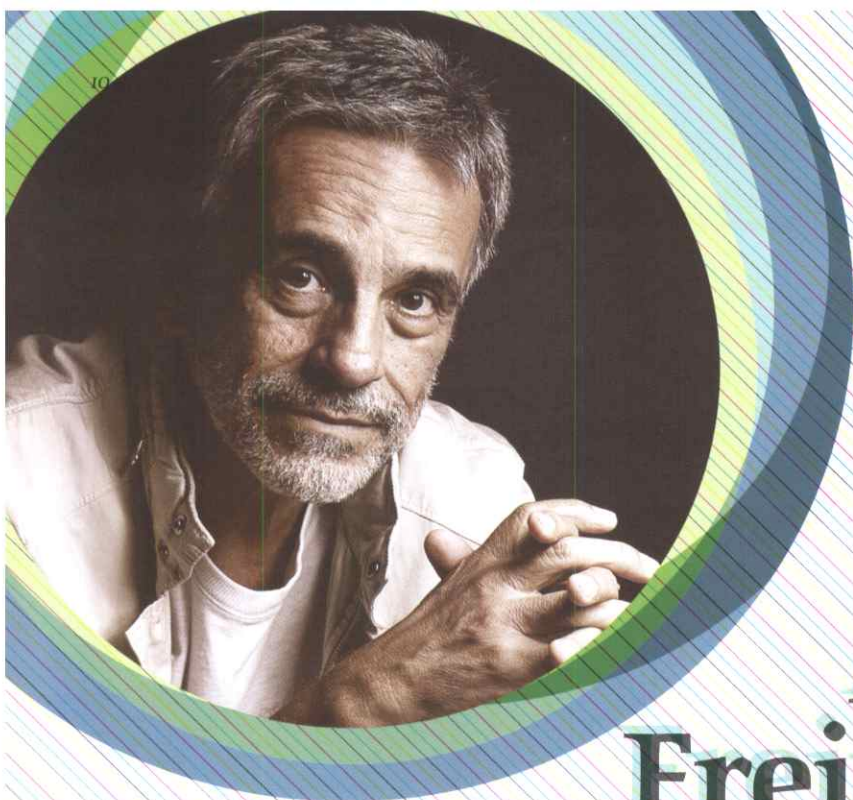
Pelo ato simbólico e formal de uma condecoração, premiamos ações, obras e testemunhos que resumem inspirações coletivas, momentos históricos, marcas narrativas e períodos estéticos. Não se trata de uma Ordem desvinculada do significado do seu tempo. Esta cerimônia reflete o quanto este país cresce em cidadania, arte e educação.

JUCA FERREIRA

Ministro de Estado da
Cultura do Brasil



Agraciados Ordem do Mérito 2009



Aderbal Freire-Filho

Autor, diretor e ator de teatro, Aderbal Freire-Filho nasceu em 1941 em Fortaleza. Mas foi no Rio de Janeiro que criou mais de 100 espetáculos e dirigiu alguns dos principais atores e atrizes brasileiros.

Formado em direito na capital cearense, Aderbal participou de grupos amadores e semiprofissionais no Ceará. Estreia como ator em 1970, após se mudar para o Rio, na peça *Diário de um Louco*, de Gogol, encenada dentro de um ônibus. Dois anos depois, com *O Cordão Umbilical*,

de Mario Prata, inaugura sua trajetória como diretor. E alcança seu primeiro sucesso profissional em 1973, com o monólogo *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, com Marília Pêra.

Caracterizado pela busca constante por novas formas, Aderbal criou espetáculos em espaços não convencionais, como *A Morte de Danton*, nas galerias do metrô, e *Tio Vânia*, no Parque Lage.

Recebeu alguns dos mais destacados prêmios do teatro, entre eles o Molière, o Golfinho de Ouro e o Mambembe. Foi professor de

letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenou a criação do curso de direção teatral. Desenvolveu atividade docente em escolas de teatro em cidades brasileiras e no exterior. Criou o Centro de Demolição e Construção do Espetáculo e integra o Conselho Diretor da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Publicou, com o crítico Rubén Castillo, o livro *Conversaciones con un Director de Teatro*. Teve textos encenados, como *Lampião*, *Rei Diabo do Brasil*, *Xambudo e Cão-coisa* e *a Coisa Homem*.

Alexandre Wollner é um dos principais expoentes do *design* moderno brasileiro. Nascido em São Paulo no ano de 1928, estudou no Instituto de Arte Contemporânea do Masp. Em 1953, selecionado pelo arquiteto suíço Max Bill, ganhou uma bolsa na Escola Superior da Forma de Ulm, na Alemanha, considerada a sucessora da Bauhaus. Lá, permaneceu de 1954 a 1958. Nesse período, que considera fundamental para sua trajetória, Alexandre abandona a pintura e passa a se dedicar em absoluto ao conceito do profissional *designer* gráfico.

Quando retornou ao Brasil, criou junto com Geraldo de Barros, Rubem Martins e Walter Macedo o FormInform - primeiro escritório de *design* do país.

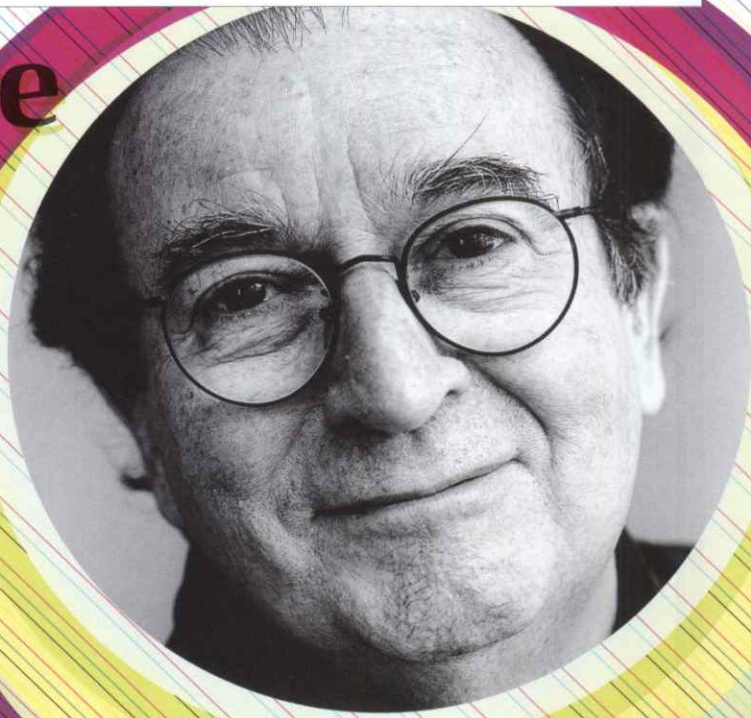
Em 1962, inaugura com o artista gráfico Aloísio Magalhães um curso de tipografia no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). A partir dessa experiência surge a Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) no Rio de Janeiro, em 1963 - marco histórico para a profissionalização do *design* no Brasil.

Exerceu ainda a presidência da Associação Brasileira de Desenho

Industrial (ABDI). Realizou a programação visual da Bienal da América Latina em 1978. Dois anos depois, mostrou seus projetos no MASP e no MAM/RJ. Comemorou seus 50 anos de *design* com o livro *Design Visual 50 Anos* (Cosac & Naify, 2003).

Alexandre é responsável por uma parcela representativa da produção de projetos de identidade corporativa no Brasil. Entre as empresas cujos programas de identidade foram desenvolvidos pelo *designer* estão Itaú, Hering, Philco, Eucatex, Metal Leve e Indústrias Klabin.

Alexandre Wollner





Angela Maria

Um das cantoras mais conhecidas do país, Angela Maria nasceu em Conceição de Macabu (RJ), em 1928. Iniciou sua carreira cantando no coro da igreja e começou a participar, às escondidas, de programas de calouros, entre eles o famoso programa de Ary Barroso na rádio Tupi, consolidando-se, depois, na rádio Mayrink Veiga. Em 1951 gravou o primeiro disco, em 78 rotações, com as canções *Sou Feliz* e *Quando Alguém Vai Embora*.

Desde então, a cantora consagrou-se como grande

intérprete do gênero samba-cancão, ao lado de Maysa, Nora Ney e Dolores Duran.

Entre os sucessos gravados, pérolas como *Não Tenho Você*, *Bahalu*, *Moça Bonita*, *Vá, mas Volte*, *Garota Solitária*, *A Noite e a Despedida*, *Gente Humilde*, *Lábios de Mel* e *Ave Maria do Morro*.

Atuou também como atriz, participando de filmes famosos de nossa cinematografia, como *Rio Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos, e *Carnaval Barra Limpa*, de J.B.Tanko, este último junto a artistas como Emilinha Borba e Chacrinha.

Em 1996, lançou o CD *Amigos*, com a participação de Roberto Carlos, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros artistas. O trabalho foi um sucesso e vendeu mais de 500 mil cópias.

Seu mais recente trabalho de estúdio, *Disco de Ouro*, foi lançado em 2003.

A cantora, carinhosamente chamada pelo presidente Getúlio Vargas de Sapoti – apelido que a acompanharia por toda a carreira –, já gravou ao todo 114 discos, inspirando ao longo dos anos cantores como Elis Regina, Clara Nunes e Milton Nascimento.

O mineiro Ataulfo Alves é considerado um dos maiores nomes do samba brasileiro, tendo composto sucessos inesquecíveis. Nascido na pequena Mirai, em 1909, com 8 anos ele já se arriscava na arte dos versos, respondendo aos improvisos do pai. Aos 17, chega ao Rio de Janeiro e se torna prático de farmácia.

Já sabendo tocar violão, cavaquinho e bandolim, frequenta rodas de samba e se destaca em meio às fileiras dos grandes sambistas da época.

Ataulfo pertence a uma geração

de compositores que consolidou o samba como gênero, liberando-o da herança do maxixe. Essa geração, que sucedeu os pioneiros Sinhô, Caninha e Donga, também conta com Ismael Silva e Wilson Batista entre seus bambas.

O sambista se destaca como o autor de algumas das canções de maior popularidade no Brasil: *Ai Que Saudades da Amélia* (em parceria com Mário Lago), *Saudades do meu Barracão*, *Atire a Primeira Pedra*, *Pois É e Na Cadência do Samba*.

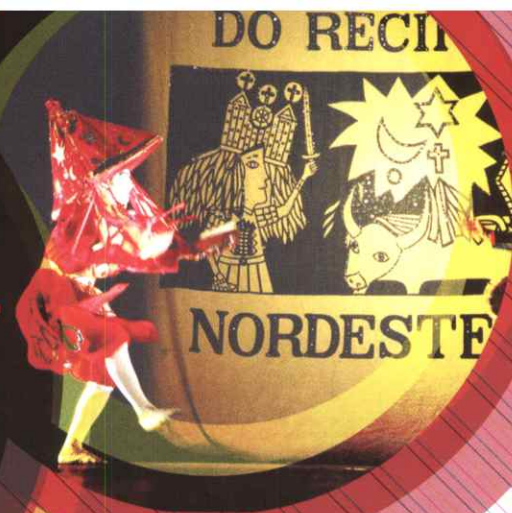
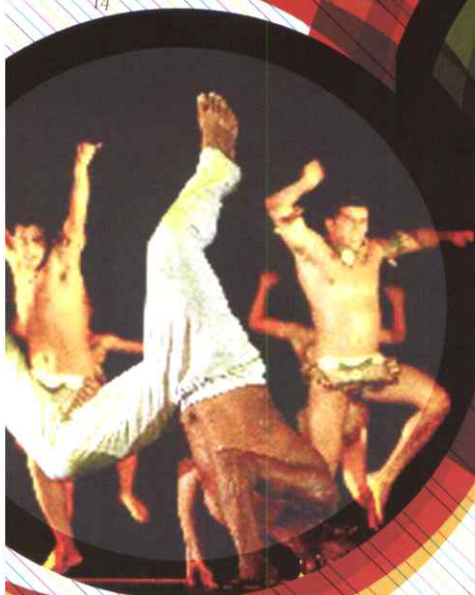
Teve suas canções gravadas por artistas como Carmen Miranda,

Silvio Caldas, Jacob do Bandolim, Orlando Silva e Dalva de Oliveira, entre outros, mas sempre buscou interpretar também suas próprias composições, fundando, nos anos 50, o conjunto chamado de Ataulfo Alves e suas Pastoras.

Depois de realizar em 1964 uma temporada no Top Club, do Rio de Janeiro, sentiu uma sensível piora em seu estado de saúde e decidiu passar o seu título de General do Samba para seu filho, Ataulfo Alves Júnior. Faleceu em 20 de abril de 1969, aos 60 anos.

Ataulfo Alves





Balé Popular do Recife

Fundado em 1977, o Balé Popular do Recife é um dos primeiros grupos profissionais de dança da capital pernambucana e o mais antigo e constante em atuação. Originariamente foi idealizado por Ariano Suassuna para dar continuidade à criação da dança erudita brasileira calcada nas danças tradicionais, mas trilhou um caminho próprio, sem utilizar a linguagem do balé clássico. Os artistas e produtores que compunham sua primeira formação não tinham estudo técnico em dança, mas se debruçaram sobre os folguedos tradicionais para aprender e catalogar seus movimentos.

A partir daí, o grupo consolidou-se como responsável pela formação do segmento de dança popular, ao estruturar uma pesquisa sobre os folguedos populares, catalogando, nomeando e recriando movimentos dessas manifestações. O Balé Popular também se notabilizou por difundir essas danças com seus espetáculos e cursos. Além da atuação no Recife, o grupo participou de festivais no Sul e no Sudeste, e se apresentou em outros países, como Portugal, Israel, Costa do Marfim, Holanda, Bélgica, Argentina e Peru.

O sucesso fora de Pernambuco ajudou o Balé Popular do Recife a se estabelecer como referência da cultura local. Durante a década de 80, o grupo conseguiu manter três elencos, totalizando 72 bailarinos: o elenco em formação, o elenco que viajava e o elenco do Centro de Convenções, que se mantinha em temporada e participava de eventos locais.

Seus espetáculos principais são *Prosopopeia*, *O Auto do Guerreiro e Nordeste*; *A Dança do Brasil*. O mais atual, *As Andanças do Divino*, marca a comemoração dos 30 anos de existência.

A argentina Beatriz Sarlo é uma das principais críticas literárias da América Latina. Nascida em 1942, formada em literatura na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), tem se destacado por escrever sobre literatura e história das ideias e dos intelectuais, cultura urbana e política.

Em português, algumas de suas obras publicadas são: *Jorge Luís Borges, um Escritor na Periferia* (Iluminuras, 2008), *A Paixão e a Exceção* (Companhia das Letras, 2005), *Paisagens Imaginárias*

(Edusp, 2005), *Tempo Presente* (José Olympio, 2005) e *Cenas da Vida Pós-Moderna* (UFRJ, 1997).

Lecionou nas universidades de Buenos Aires, de Berkeley, de Columbia, de Nova York e de Maryland. De março de 1978 a março de 2008, foi diretora da revista *Punto de Vista*, fundada com o objetivo de construir um espaço de resistência intelectual à ditadura militar. A publicação, que no início era absolutamente marginal e semiclandestina, alcançou repercussão e reconhecimento na transição democrática. Beatriz colabora

regularmente com os diários *La Nación* e *Perfil*, de Buenos Aires.

Já foi agraciada com os títulos de John Simon Guggenheim Fellow, Woodrow Wilson Fellow (Washington) e Simon Bolivar Professor of Latin American Studies (Universidad de Cambridge). Recebeu também o prêmio do Fondo Nacional de las Artes de Argentina, o Ezequiel Martínez Estrada da Casa de las Américas (Cuba) e o José Donoso, da Universidad de Talca (Chile). É membro do Wissenschaftskolleg de Berlim.

Beatriz Sarlo





Bispo do Rosário

Sergipano de Japaratuba, Arthur Bispo do Rosário nasceu em 1909. Sua obra, que se confunde com sua vida, faz parte do universo de criação dos artistas que desenvolveram a sua trajetória à margem da sociedade, enriquecendo os horizontes da arte de hoje.

Bispo do Rosário foi internado em dezembro de 1938, no Hospício Nacional dos Alienados, e transferido em janeiro de 1939 para a Colônia Juliano Moreira.

De 1940 a 1960, driblando a burocracia, sai e volta diversas vezes à colônia. Passa por várias ocupações até chegar à Clínica Pediátrica Amiu. Lá, num

quarto do sótão, produziria grande parte da sua obra.

Retorna em 1964 à Colônia (hoje Instituto Municipal de Assistência) Juliano Moreira, onde fica até a sua morte, em 1989. Ali criou as 804 peças que permanecem no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, criado no local. O tombamento da obra do artista no Iphan/MinC e no Inepac é aberto em 1992.

Por cinco décadas, Bispo do Rosário se alimentou de sua arte, recusando os tratamentos psiquiátricos - drogas, eletrochoques e lobotomia - e sem frequentar ateliês de arteterapia ou terapia ocupacional. Criou uma

rede de assistentes dentro da instituição, sendo precursor de uma vanguarda artística e de uma reforma psiquiátrica que encontraria adeptos mais tarde.

Gerou uma arte visceral a partir de elementos do cotidiano. Recobria os objetos com linha, recomposta a partir do desfiamento de uniformes, usada no lugar da tinta. Bordou sobre lençóis os seus estandartes e sobre o cobertor o seu manto e suas roupas para performance.

Os trabalhos de Arthur Bispo do Rosário estiveram em mais de 40 exposições coletivas e mais de 15 individuais no Brasil e no exterior - quase todas, após sua morte.

Nascido em Coimbra em 1940, Boaventura de Sousa Santos se destaca hoje com um dos principais intelectuais portugueses. Autor de vasta obra já traduzida para diversas línguas, é sociólogo, poeta e professor universitário.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, cursou filosofia na Universidade Livre de Berlim, mas foi na Universidade de Yale que defendeu seu mestrado e seu doutoramento. Para elaborar sua tese, viveu por alguns meses na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro.

Boaventura é *distinguished legal scholar* da Universidade de Wisconsin-Madison (Estados Unidos) e *global legal scholar* da

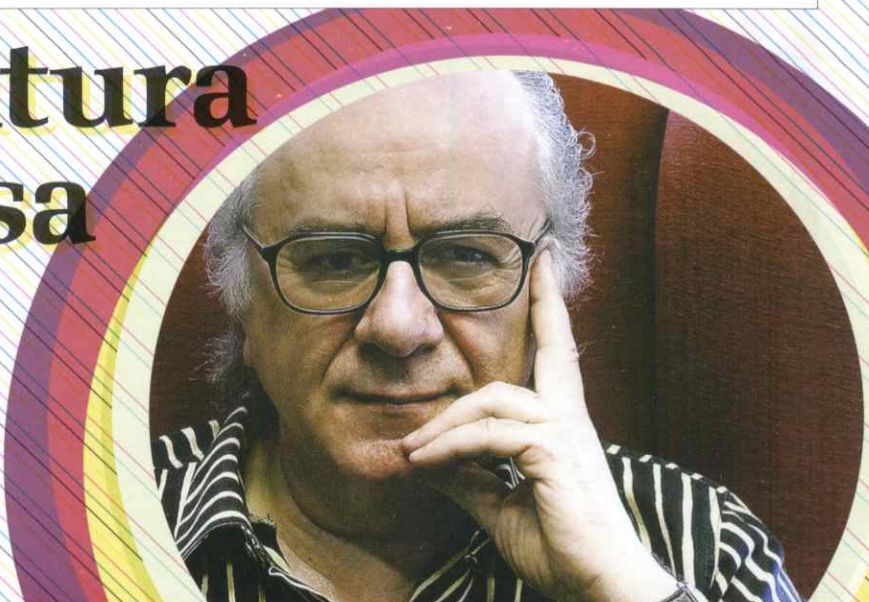
Universidade de Warwick (Inglaterra). Na Universidade de Coimbra, além da atuação como professor catedrático, dirige o Centro de Estudos Sociais e o Centro de Documentação 25 de Abril. É coordenador do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa e um de seus mais recentes projetos foi o Centro de Estudos Sociais da América Latina (CES/AL), criado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Desenvolve pesquisa em sociologia política e do direito, epistemologia, movimentos sociais, globalização, direitos humanos e pós-colonialismo, entre outros temas.

Boaventura já foi congratulado com diversos prêmios, ressaltando-se o título de Grande Oficial da Ordem de Rio Branco, concedido pelo governo brasileiro; o prêmio Jabuti em Ciências Humanas e Educação, em 2001; o prêmio de Ensaio Ezequiel Martínez Estrada 2006, da Casa de las Américas, Cuba; e a menção honrosa do prêmio Libertador ao Pensamento Crítico 2006, da Venezuela.

Entre seus livros, destacam-se *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna* (1989), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade* (1996), *A Gramática do Tempo* (2006) e *As Vozes do Mundo* (2009).

Boaventura de Sousa Santos





Burle Marx

Roberto Burle Marx é um dos expoentes do paisagismo do século XX. Artista visual de renome internacional, nasceu em São Paulo, em 1909, mas foi no Rio de Janeiro que morou a maior parte de sua vida. Atuou em diversos campos: pintou, desenhou, gravou, esculpiu; fez tapeçarias, joias, cenários e figurinos, murais e azulejarias; projetou jardins, parques, pavilhões; descobriu e catalogou diversas espécies de plantas; deu aulas.

No paisagismo, seu trabalho se destaca pelo uso de espécies nativas. Aos 19 anos, Burle Marx teve uma enfermidade nos olhos e, para tratá-lo, sua família partiu para a Alemanha. Lá, estuda

pintura no ateliê de Degner Klemm e conhece o Jardim Botânico de Dahlen, com uma estufa mantendo vegetação brasileira pela qual fica fascinado.

De volta ao Brasil, é aluno de Cândido Portinari e Leo Putz na Escola Nacional de Belas Artes.

Aos poucos, o estilo abstrato e tropical de seus projetos - sempre com a ajuda do irmão Guilherme Siegfried - renova o paisagismo brasileiro, marcado até então pelo modelo europeu.

Seus primeiros jardins ecológicos surgiram no Recife, quando ocupou o cargo de diretor de Parques e Jardins. Hoje, é possível encontrar a obra de Burle Marx em diversas cidades.

Exemplos são o conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte; o Palácio do Itamaraty, em Brasília; o Parque Del Este, em Caracas; e a sede da Unesco, em Paris.

Burle Marx participou das bienais de Veneza em 1950 e 1970 e de São Paulo em 1953, 1957, 1959 e 1963, sendo premiado em arquitetura, teatro e joias. Também esteve no Salão Nacional de Belas Artes (1945 - medalha de ouro) e nas mostras de arte brasileira em benefício da RAE, em Londres (1944), entre outras. As exposições individuais incluem o Museu Nacional de Belas Artes (1989) e a Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1973).

Nascido no Rio de Janeiro em 1928, Carlos Manga é dos artistas mais versáteis do audiovisual brasileiro. Iniciou sua carreira nos estúdios da Atlântida, onde notorizou-se por dirigir chanchadas como *A Dupla do Barulho*, *Nem Sansão nem Dalila* e *O Homem do Sputnik*.

Nos anos 60, o diretor foi pioneiro ao optar pela então nascente televisão e pela publicidade.

Depois de passar pela TV Rio e pela antiga Excelsior, chegou à TV Record, dirigindo programas irreverentes, como o antológico *Quem Tem Medo da Verdade?*, no qual os

entrevistados eram confrontados com perguntas incômodas.

No início dos anos 1970, Carlos Manga morou na Itália, onde trabalhou com seu ídolo, o cineasta Federico Fellini.

Depois de anos longe do cinema, trabalhando como publicitário, retornou ao set de filmagem em 1974 com *O Marginal*. Nos anos 80, dirigiu a comédia *Os Trapalhões* e *O Rei do Futebol*, para depois se consagrar na Rede Globo, aonde chegou a convite de Chico Anysio.

Lá, a partir de minisséries como *Agosto* e *Engracadinha* e de novelas como *Torre de*

Babel, Manga encontrou novamente o reconhecimento que havia conseguido por sua obra cinematográfica.

Dirigiu também programas de auditório, como *Domingão do Faustão* (1989), e seriados, como *Sandy e Júnior* (1999) e *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* (2001).

Seu último grande sucesso foi a minissérie *Um Só Coração*, em homenagem aos 450 anos da cidade de São Paulo, em 2004.

Em 2008, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro concedeu a Carlos Manga o título de cidadão benemérito do estado.

Carlos Manga





Carmen Miranda

Nascida Maria do Carmo Miranda da Cunha, em Portugal, no dia 9 de fevereiro de 1909, a cantora e atriz chegou ainda criança ao Brasil, onde ganhou o apelido de Carmen graças ao gosto do pai por óperas. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Entre as várias facanhas, chegou a receber o maior salário até então pago a uma mulher nos Estados Unidos.

As primeiras experiências profissionais como cantora surgiram em 1929, quando conheceu Josué de Barros, compositor que, encantado com seu talento, passou a apresentá-la em editoras e teatros.

Do empurrão inicial resultou a gravação das primeiras músicas. Gravou *Não Vá Simbora* e *Se O Samba E Moda* pela editora alemã Brunswick; e *Triste Jandaia* e *Dona Balbina* pela gravadora Victor.

O grande sucesso veio a partir de 1930, quando gravou a marcha *Pra Você Gostar de Mim (Ta-Hi)*, de Joubert de Carvalho. Em 1931, faz sua primeira aparição no cinema como artista famosa, no filme *O Carnaval Cantado no Rio*, e a primeira de muitas turnês a Buenos Aires. Em 1933, com a irmã Aurora, assina contrato de dois anos com a rádio Mayrink Veiga e ganha o apelido de “pequena notável”.

Em 1936, elas passam a integrar o elenco do Cassino da Urca.

Em 1939, aceita embarcar para os Estados Unidos. Estreia com o musical *Streets of Paris*, que ganha elogios de público e crítica. A partir daí, suas participações teatrais tornaram-se cada vez mais famosas.

Em 1940 retorna ao Brasil e responde com humor às acusações de se ter “americanizado”. De volta aos EUA, deixa a marca de seus sapatos e mãos na Calçada da Fama. Carmen Miranda atuou em 13 filmes em Hollywood.

A atriz e cantora morreu aos 46 anos, em sua casa de Beverly Hills, Los Angeles, de um colapso cardíaco.

Chico Anyasio nasceu Francisco Anyasio de Oliveira Paula Filho em Maranguape, Ceará. Foi de navio para o Rio de Janeiro com sua família aos 8 anos de idade. Sonhou em ser jogador de futebol. Um dia, a caminho de uma partida, encontrou-se com a irmã, que ia à *Rádio Guanabara* fazer um teste e resolveu ir junto. Assim teve início sua carreira, nas funções de radioator e comentarista de futebol.

O talento de Chico foi testado e aprovado nos programas de calouros do qual participou. Entre eles, *Papel Carbono*, de Renato Murce,

Pescando Estrelas, de Arnaldo Amaral, e *Os Calouros do Ary Barroso*, na Rádio Tupi. Com suas 32 imitações, ele foi campeão em todos eles, a ponto de não ser mais aceito porque ganhava sempre.

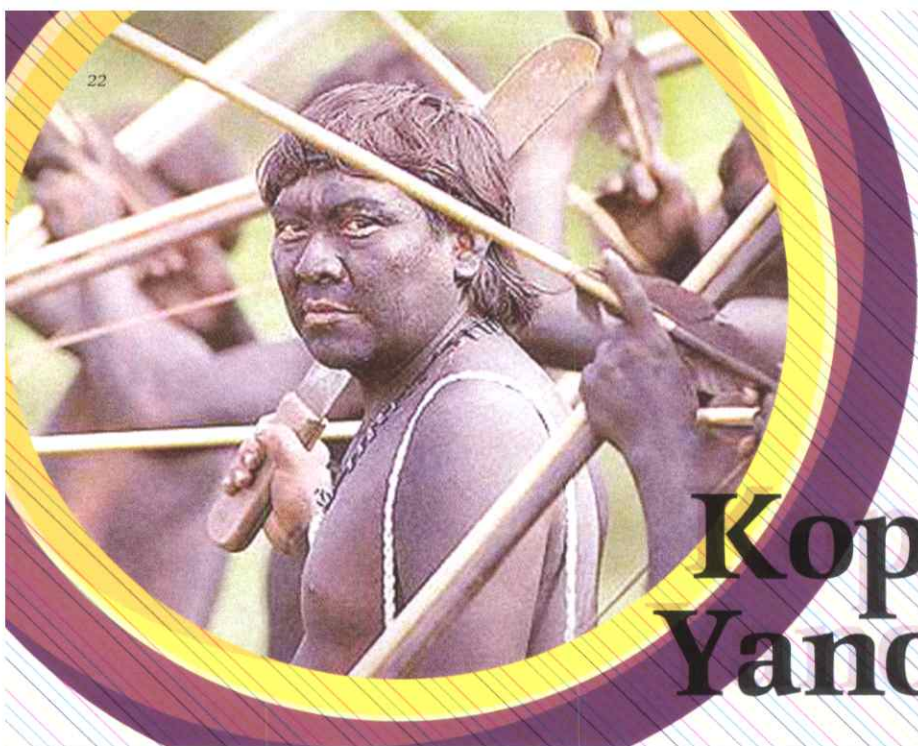
Na década de 1950, continuou a se desenvolver no rádio, escreveu diálogos para chanchadas e atuou em filmes da Atlântida. Seu primeiro papel efetivo na TV aconteceu em 1957, quando foi escalado para interpretar um tio nordestino da Dona Isaura no programa *Ai Vem Dona Isaura*, estrelado por Ema D'Ávila na TV Rio.

Em paralelo, ele aceitou o convite para participar dos *Espectáculos Toneux*, da TV Tupi. Foi lá que lançou Santelmo e Seu Urubulino, além de Dr. Madeira. Dois anos depois, estreou o *Só Tem Tanta*, lançado por Joaquim Silvério de Castro Barbosa, mais tarde chamado de *Chico Total*.

Chico dedicou dois terços de sua vida à profissão de ator e criou mais de duzentos personagens, em que podem ser destacados tipos como Azambuja, Painho, Coalhada, Bento Carneiro, Pantaleão, Quemquem, Justo Veríssimo, Popó, Baiano, Nazareno, Bozô, Alberto Roberto e Professor Raimundo.

Chico Anyasio





Davi Kopenawa Yanomami

“Yanomami” significa ser humano. O povo que leva esse nome caracteriza-se por ser uma das sociedades que menos tiveram contato com outras civilizações dentre as existentes no Brasil.

Foi na aldeia Tootobi, próxima à fronteira com a Venezuela, que nasceu o xamã Davi Kopenawa Yanomani, um dos maiores líderes indígenas da história do Brasil.

Por meio de uma missão cristã, a New Tribes Mission, de origem americana, Davi aprendeu português. O domínio da língua, raro entre os Yanomami, habilitou-o a interagir com outros povos e seus representantes.

No final da década de 1980, ele começou a trabalhar para o governo brasileiro pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Desde então, está engajado na prevenção da saúde do seu povo. Por meio do projeto do Demini, iniciado em 1990, beneficiou 1.000 índios de 25 comunidades.

Seu trabalho ganhou reconhecimento internacional na mesma época, quando, convidado pela ONG Survival International, o primeiro líder Yanomami foi até o Reino Unido e à Suécia receber o Survival den Right Livelihood Award, um prêmio Nobel alternativo.

Sua presença chamou a atenção da imprensa e ajudou a impulsionar a Campanha Internacional pelo Direito à Terra dos Yanomami, realizada desde 1972 pela Survival. A longa luta travada por Davi a fim de salvar seu povo obteve êxito em 1992, com a demarcação das terras.

Davi Kopenawa também foi homenageado com o prêmio da ONU Global 500, em 1989, por sua atuação contra os garimpos ilegais em Roraima. Em junho deste ano, recebeu, por sua luta, uma menção honrosa do júri do Bartolomé de las Casas, prêmio convocado pela Casa América de Madri e pelo governo espanhol.

Nascida no Rio de Janeiro, em 1961, Deborah Colker destaca-se entre as principais bailarinas e coreógrafas brasileiras. Foi a primeira mulher a dirigir um espetáculo do Cirque du Soleil, *Ovo*, e a primeira artista brasileira a vencer o Laurence Olivier Award, um dos mais importantes prêmios de artes cênicas do Reino Unido (em 2001, com *Mix*).

No Brasil, mais de 500 mil pessoas já assistiram a suas apresentações. Sua trajetória tem sido marcada pela versatilidade e pela inventividade. Estudou piano, foi jogadora amadora de vôlei e estudou psicologia. Na dança, o treinamento incluiu balé clássico, jazz e sapateado.

Em 1980, Deborah ingressou na companhia da coreógrafa Graciela Figueroa Coringa, no Uruguai. Lá, trabalhou como diretora de movimento em mais de 30 peças.

Coreografou shows e videoclipes de artistas como Fernanda Abreu, Legião Urbana e Adriana Calcanhoto. Também trabalhou com as escolas de samba Mangueira (1995-1997) e Viradouro (2005-2007). Foi, ainda, professora de balé.

Em 1994, após receber o convite para participar do Carlton Dance Festival, funda a Companhia de Dança Deborah Colker. A estreia acontece no Teatro Municipal do Rio com

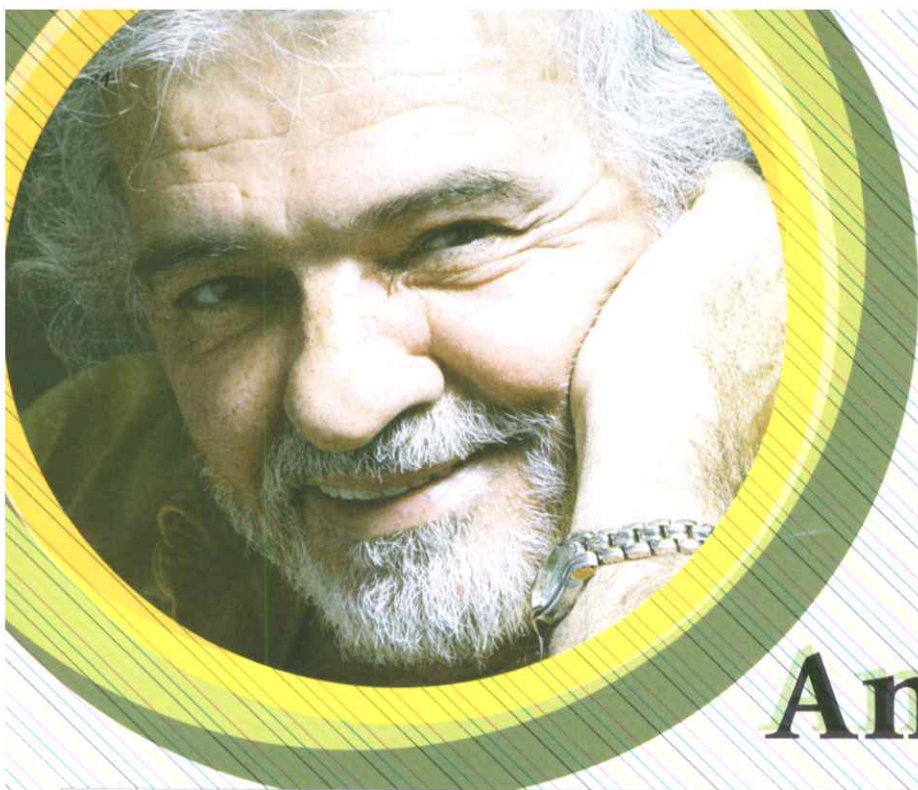
o espetáculo *Vulcão*, em um programa duplo com o Momix Dance Theatre, de Nova York.

Em 2002, foi convidada pelo Berlin Ballet - Komische Oper e criou o espetáculo *Ela*.

O reconhecimento por seu trabalho também veio por meio de premiações, incluindo Prêmio Coca-Cola, Prêmio Ministério da Cultura/Troféu Mambembe, Dez Mulheres de 1999 do Conselho Nacional da Mulher do Brasil/Academia Brasileira de Letras, Personalidade do Ano da revista *Bravo!*, Medalha do Mérito Artístico do Conselho Brasileiro da Dança, representante do Conseil International de La Danse (Unesco).

Deborah Colker





Elifas Andreato

Artista gráfico e jornalista, Elifas Andreato mantém uma carreira de quase cinco décadas. Teve infância pobre em Rolândia (PR), onde nasceu em 1946. Depois de trabalhar como aprendiz de torneiro mecânico numa fábrica de fósforos de São Paulo, foi contratado como estagiário da Editora Abril. No ano seguinte, já era diretor de arte do núcleo de fascículos femininos. Na editora, participaria da criação de inúmeras publicações, como *Placar*, *Veja* e *História da Música Popular Brasileira*.

Ainda nos anos 1970, ajudou a fundar veículos

alternativos como *Opinião* e *Movimento*. Iniciou também o trabalho como programador visual para peças teatrais, atuando ao lado de diretores como Flávio Rangel, Antunes Filho e Paulo José. Ainda nesse período, destacou-se como criador de capas de discos para os mais importantes nomes da MPB. Foram cerca de 400 ao longo da carreira.

Enveredou ainda como letrista e dramaturgo, ao lado de Toquinho, nos musicais *Cancão dos Direitos da Criança* e *Casa de Brinquedos*, e de Tom Zé, no inédito *A Maior Palavra do Mundo*.

Nos anos 1990, voltou seu trabalho à área editorial, tornando-se responsável pelas coleções *MPB Compositores* e *História do Samba*, lançadas pela Editora Globo. Para o Projeto Memória, criou grandes exposições itinerantes sobre figuras como Monteiro Lobato, Rui Barbosa e Juscelino Kubitschek.

Ao longo da carreira, Elifas promoveu dezenas de exposições com sua obra nas principais cidades do país. Atualmente, entre diversas atividades, é responsável pelo *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, publicação que completou dez anos e hoje circula com 120 mil exemplares mensais.

Nascida no Rio de Janeiro em 1961, a cantora e compositora Fernanda Abreu é protagonista de alguns dos maiores *hits* populares das rádios brasileiras, como *Rio 40 Graus*, *Kátia Flávia*, *Garota Sangue Bom*, *Brasil E o País do Suingue* e *Veneno da Lata*.

Sua carreira começou em 1982 na banda Blitz, fenômeno *pop* dos anos 1980. A trajetória solo veio um pouco depois, em 1990, com o álbum *SLA Radical Disco Clube*, considerado o precursor da utilização da tecnologia musical (*samplers* e computadores) na música popular brasileira.

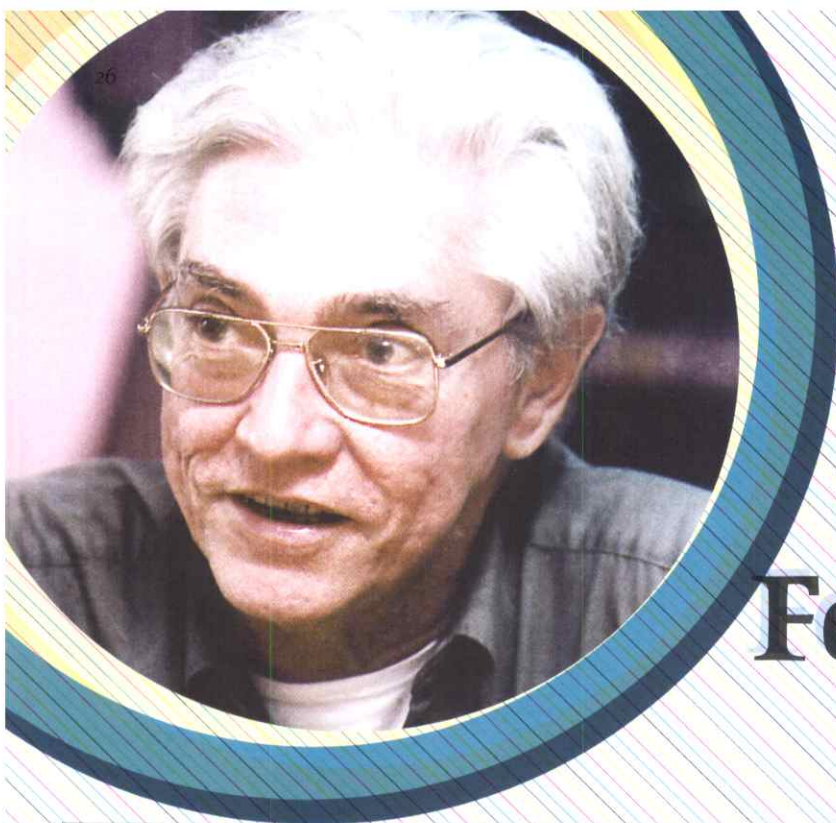
Em 1992, lançou *SLA 2 - Be Sample* com a faixa *Rio 40 Graus*, canção que se tornou sucesso dentro e fora do Brasil. O álbum *Da Lata* (1995) consagrou o gênero *samba-funk*, projetando internacionalmente sua obra, especialmente na Europa. Seguiram-se os CDs *Raio X* (1998), *Entidade Urbana* (2001) e *Na Paz* (2004). Sua primeira produção ao vivo, o CD e DVD *MTV Ao Vivo - Fernanda Abreu* (2006), reuniu seus maiores sucessos. Em 2007, apresentou-se na cerimônia de encerramento dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro.

Fernanda tem atuação destacada entre comunidades carentes e de periferia, em parcerias com as organizações Afro-Reggae, CopaRocca, Projeto Morrinho e Central Única das Favelas (Cufa), valorizando suas ações culturais e sociais. Também participa ativamente do Núcleo Independente de Músicos (NIM) e do Grupo de Articulação Parlamentar (GAP).

A cantora foi homenageada com a Medalha Chiquinha Gonzaga pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Recebeu ainda o título de embaixadora do Turismo do Rio de Janeiro e o de comendadora da Ordem Juscelino Kubitschek.

Fernanda Abreu





Fernando Peixoto

O diretor, teórico, tradutor e ator Fernando Amaral dos Guimarães Peixoto nasceu em Porto Alegre, em 1937. Concilia caudalosas produções artística e intelectual. Militou na resistência à ditadura e integrou o comitê central do Partido Comunista do Brasil.

Fernando Peixoto publicou ensaios e textos teóricos, traduziu peças de peso e organizou coleções editoriais sobre artes cênicas. Dessas, destaca-se a edição do *Teatro Completo* de Brecht no Brasil.

Na década de 60 foi ligado ao Teatro Oficina, liderado por José Celso Martinez Corrêa. Fez

participações se marcantes em produções como *Quatro num Quarto*, de Valentin Kataev, com direção de Maurice Vaneau, e *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, dirigida por José Celso. Desligou-se do grupo em 1970 por discordar dos novos rumos tomados.

Integrou o elenco do Teatro de Arena nas excursões internacionais de *Arena Conta Zumbi* (Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal), e *Arena Conta Bolívar* (Boal).

Continuou a trajetória artística sem vínculo exclusivo a um grupo. Em 1973, a direção de *Frank V* (Dürrenmatt) e *Um Grilo*

Parado no Ar (Guarnieri) rendeu-lhe os prêmios APCA e Molière.

Como jornalista, escreveu no *Correio do Povo* entre 1957 e 1959. Atuou em alguns dos principais veículos de esquerda nas décadas de 70 e 80, como os jornais *Opinião* e *Movimento* e a *Revista Civilização Brasileira*.

No cinema, atuou em diversos longas-metragens, entre os quais *Gamal - O Delírio do Sexo*, de João Batista de Andrade, em 1969; *Eles não Usam Black-Tie*, de Leon Hirszman, 1980; e *Faca de Dois Gumes*, de Murilo Salles, em 1988.

O Filhos de Gandhi, um dos principais blocos de afoxé da Bahia, nasceu em 18 de fevereiro de 1949 a partir de uma mobilização dos estivadores de Salvador. Preocupados com a falta de trabalho nos portos, em meio à crise do pós-guerra, os trabalhadores decidiram colocar um bloco na rua. O sindicato estava sob intervenção do governo, e ninguém poderia prever a reação da polícia. Um dos idealizadores do grupo, Vavá Madeira, sugeriu o nome Filhos de Gandhi, inspirado pelos princípios pacifistas e em homenagem ao líder hindu assassinado em janeiro de 1948.

A iniciativa deu certo e assim começava uma das mais belas manifestações populares da Bahia. O bloco já chegou a reunir cerca de 14 mil pessoas em seus desfiles e é composto por associados de diversas classes sociais. As tradições se mantiveram. As mulheres participam apenas na confecção das indumentárias e roupas dos Filhos de Gandhi. São entoados cânticos no ritmo ijexá e na língua iorubá. O adereço inclui, além do turbante e das vestimentas, um perfume de alfazema e colares azul e branco. Durante o carnaval e ao longo do ano, esses colares são

oferecidos para os admiradores como forma de desejar-lhes paz.

Em 1983, o afoxé Filhos de Gandhi recebeu do governo da Bahia uma sede própria, no Pelourinho, onde até hoje funciona a administração, seus ensaios e todo projeto cultural e social da entidade. Em suas diversas atividades, o grupo tem como missão pregar a paz e abrigar pessoas de todos os credos, condições sociais e etnias. Tornou-se um local de visitação obrigatório para turistas de todo o mundo que visitam o centro histórico de Salvador.

Filhos de Gandhi





Fundação Iberê Camargo

A Fundação Iberê Camargo foi instituída em 1995, a partir do desejo de Iberê e de sua esposa, Maria Coussirat Camargo, com o apoio de amigos e com a liderança do empresário Jorge Gerdau Johannpeter, indicado para a presidência da instituição. Sua missão é preservar o acervo, promover o estudo e a divulgação da obra do artista e estimular a interação de seu público com a arte, a cultura e a educação.

Em 1996, a Fundação, que antes funcionava na casa e último ateliê do artista, obteve a doação de uma área de mais de 8.000 m² do governo do Rio Grande do Sul. Após planejamento

espacial, foi convidado o arquiteto português Álvaro Siza, um dos mais destacados do mundo, para projetar a sede.

Inaugurado em maio de 2008, o edifício abriga mais de 4 mil obras de Iberê Camargo. Seus três pavimentos, situados em parque ambiental, dispõem de nove salas de exposição, ateliês, centro de documentação, auditório, loja e cafeteria. Até setembro de 2009, passaram por ali 143.971 visitantes.

A instituição realizou mostras em diversas capitais e cidades do interior, além de conceder bolsas e promover ciclos. O ateliê de gravura que pertencia a Iberê Camargo já recebeu 66 artistas convidados.

Presidente da Fundação, Jorge Gerdau Johannpeter foi homenageado pela Ordem em 19997. Ele preside também o Conselho da Fundação Bial do Mercosul e o Conselho de Governança do Movimento Todos Pela Educação.

O empresário lidera o Grupo Gerdau, que hoje tem projeção internacional e no qual trabalha desde 1954. Graduado em ciências jurídicas e sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integra diversos órgãos representativos, a exemplo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do governo federal.

Gerson Cortes nasceu em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro. Começou sua carreira fazendo dublagem no programa *Hoje é Dia de Rock*, de Jair de Taumaturgo. Levado pelo irmão Getúlio Cortes (compositor de *Negro Gato*) ao programa Jovem Guarda, de Roberto Carlos, Gerson começou a ser conhecido pelo seu estilo de dançar.

Em 1970, formou a banda carioca Fórmula 7, com o arranjador e tecladista Hugo Bellard, o trompetista Márcio Montarroyos, o baixista Luizão Maia e o guitarrista Helio Delmiro. A banda se apresentava nos clubes do Rio de Janeiro com músicas

de Stevie Wonder, O.C.Smith, James Brown e Blood Sweat and Tears, entre outras celebridades do *soul* e do *funk* americanos.

Anos depois, Gerson começa a cantar nas bandas de Wilson Simonal e Erlon Chaves. Em 1975, ajuda a fundar a Banda Black Rio, um dos principais grupos de *soul/funk* mundial, comparado a nomes como Kool & the Gang e Earth, Wind and Fire. Em 1977, Gerson se lança em carreira solo com o disco *Gerson King Combo* e, no ano seguinte, *Gerson King Combo - Volume II*. Nessa época passa a ter maior popularidade no Brasil e assume o nome de Gerson King Combo (em homenagem à banda

de *soul jazz* King Curtis Combo).

A partir de meados dos anos 80, o cantor fica um período longes dos palcos até um novo reconhecimento em meados da década de 90, com o crescente interesse do público pela *black music* brasileira. Gerson volta a se apresentar ao vivo e participa dos discos de artistas atuais, como Fernanda Abreu e Paula Lima. Em 2001, lança *Mensageiro da Paz*.

Atualmente, Gerson King Combo excursiona por todo o Brasil ao lado da banda Supergroove. Em 2010, o cantor completa 50 anos de carreira artística com o lançamento de um documentário sobre sua carreira e um CD gravado ao vivo.

Gerson King Combo





Heleny Guariba

Natural de Bebedouro (SP), Heleny Guariba cresceu em uma família essencialmente feminina. Ficou órfã de pai aos dois anos e foi criada pela mãe, pela avó e por uma tia.

Formada em filosofia pela Universidade de São Paulo, a jovem estudou dramaturgia e iniciou sua carreira na Escola de Arte Dramática, onde se desenvolveu como professora e diretora de teatro.

Em 1965, um ano depois de graduada, Heleny ampliou seus conhecimentos no continente europeu, tendo frequentado o Berliner Ensemble, teatro do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. Na França, fez seu

doutorado, além de passagens por espaços como o Theatre de la Cité, de Roger Planchon.

Na volta, a profissional foi responsável por uma revolução na vida cultural da região do ABC paulista. No Teatro Alumínio, Heleny viu nos jovens alunos o material humano perfeito para repetir a experiência da vanguarda francesa. Entre eles estavam Antônio Petrin, Denise Del Vecchio, Flávio Império e Sônia Braga.

Um de seus objetivos era popularizar o teatro e utilizá-lo como veículo de reflexão. Em 1968, montou *Molière*, de Jorge Dandin, e recebeu prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais.

Militante política, com a decretação do AI-5 Heleny abandonou o teatro. Após prisão em 1970, ela foi torturada pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops).

Foi solta no fim de 1971. Meses depois, foi presa novamente e enviada ao Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), no Rio de Janeiro, e desapareceu.

Hoje, Heleny Guariba empresta seu nome ao Teatro de Santo André e ao Centro Cultural de Diadema. Ainda é lembrada em livros, peças e teses quando o assunto envolve teatro, cultura e a democratização do país.

O Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural (IKO) é a organização da sociedade civil de interesse público, que busca promover a inclusão sociocultural de pessoas com deficiência intelectual por meio da arte e do esporte. Trabalhando em âmbito nacional, a instituição segue a filosofia de que “arte é cultura e cultura é educação”.

O principal projeto do Olga Kos é o Pintou a Síndrome do Respeito, que desde 2007 concentra-se em oficinas de arte. Além de proporcionar o exercício de habilidades motoras e perceptivas, a atividade facilita a educação emocional dos participantes.

Desta forma, procura contribuir para a formação de valores.

As oficinas contam com uma equipe de psicólogos, pedagogos e artistas. A avaliação anual do projeto constatou resultados positivos em mais de 90% dos indicadores.

Já a série Resgatando Cultura tem a missão de perpetuar a obra de artistas plásticos contemporâneos e prevê a publicação de 20 livros sobre sua vida e obra. Em contrapartida, eles participam das oficinas, compartilhando suas técnicas de produção. O projeto já favoreceu mais de

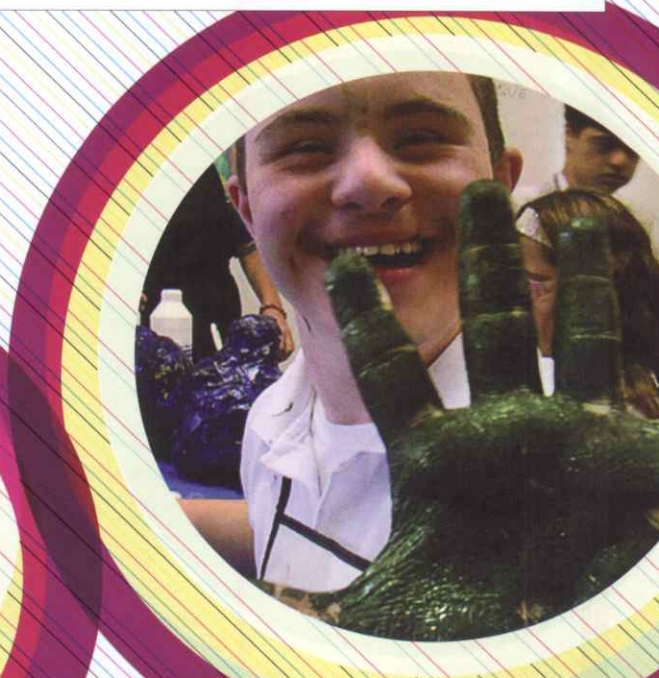
250 alunos em cinco edições.

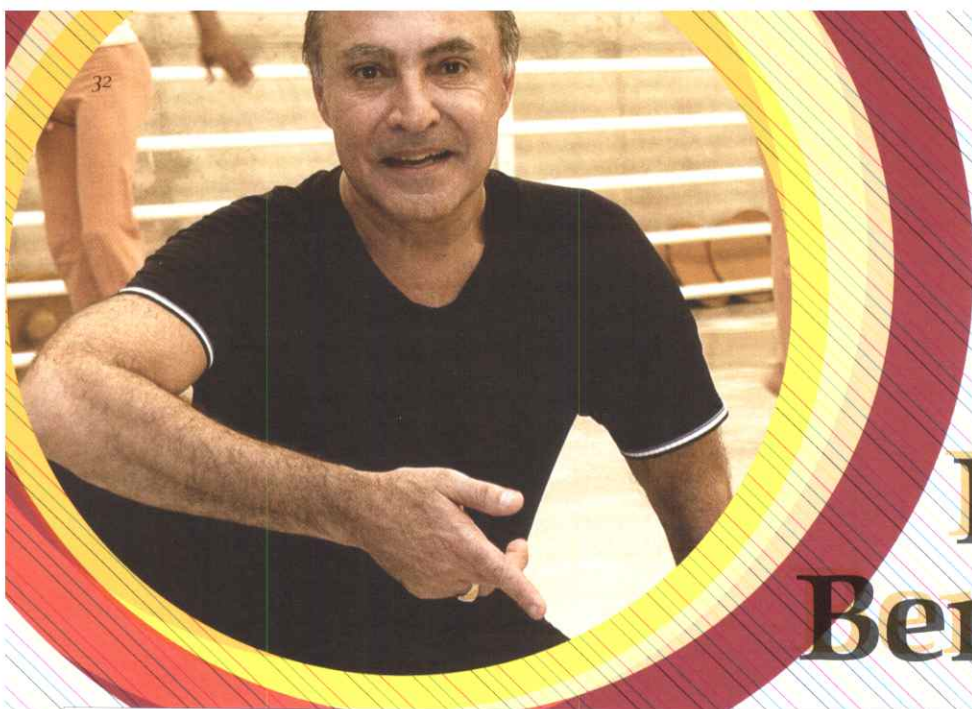
Em 2008, o instituto recebeu nota 100 entre iniciativas premiadas pelos Ministérios da Cultura e da Saúde por promover melhoria na qualidade de vida.

Em 2009, o Olga Kos deu início a projeto de caratê e taekwondo para jovens com síndrome de Down e outras deficiências intelectuais. O projeto ajuda mais de 100 jovens na integração aos esportes.

A entidade também articula redes de apoio para geração de renda e inclusão dos alunos no mercado de trabalho.

Instituto Olga Kos





Ivaldo Bertazzo

O dançarino, coreógrafo e fisioterapeuta Ivaldo Bertazzo é um dos destaques da expressão corporal no mundo. Desde a década de 1970, estuda um método de educação corporal e transformação do gesto como manifestação da individualidade. Sua proposta tem sido levar a consciência, a autonomia e a estrutura dos movimentos a qualquer pessoa.

Bertazzo nasceu em São Paulo e estudou dança com Tatiana Leskova, Paula Martins, Renée Gumiel, Ruth Rachou, Klauss Vianna e Marika Gidali. Em seguida, graduou-se em fisioterapia, e se interessou pelo estudo do aparelho locomotor e da biomecânica desenvolvido

por Marie Madeleine Bézières e Suzanne Piret, na França, e Godelieve Denys Struyf, na Bélgica.

Em 1975, criou a Escola do Movimento Método Bertazzo. Até 1992, organizou 24 espetáculos em dois planos: um com bailarinos profissionais e aparato cênico; outro da “dança-cidadania”, com não-profissionais e espírito de mutirão. A partir de 1996, com *Cidadão Corpo*, Bertazzo passa a trabalhar a “identidade brasileira do movimento”.

O coreógrafo já orientou a formação de artistas para grandes musicais. Nos últimos anos, trabalha em bairros periféricos e empresas. No Complexo da Maré (RJ) reuniu jovens num

projeto de experimentação dos princípios da coordenação motora. A iniciativa gerou três espetáculos.

Em São Paulo, envolveu 40 selecionados em intercâmbio cultural com músicos da Índia. Da união desses jovens com percussionistas, nasceu *Samicaad - Rua do Encontro* (2003). O grupo realizou também *Milágrimas* (2005), com sul-africanos, e se profissionalizou como a Companhia de TeatroDança Ivaldo Bertazzo.

Após 22 anos nos bastidores, em 2007 Bertazzo interpretou um *down* do teatro balinês e uma *drag queen* lutadora de kung fu em *Kashmir Bouquet*.

O escritor José Eduardo Agualusa nasceu na cidade do Huambo, em Angola, em 1960. Apesar de ter estudado agronomia e silvicultura em Lisboa, foi com a literatura que encontrou sua realização como profissional e artista.

Vivendo entre Luanda e Lisboa, ele publicou sete romances. Sua estreia foi com *A Conjura* (em 1988) e seu mais recente romance é *Barroco Tropical* (de 2009).

Além de romances, Agualusa publicou contos, poesia, textos para teatro, livros infantis, e atuou, em Lisboa, como jornalista, tendo publicado grande

reportagem sobre a comunidade africana na capital lusitana, com o título *Lisboa Africana* (1993).

Sua obra está prestes a entrar no mundo da sétima arte. O escritor, que tem seus livros traduzidos para 18 línguas, terá em breve dois de seus romances adaptados para o cinema: *O Vendedor de Passados*, pelo cineasta brasileiro Lula Buarque de Hollanda, e *Nação Crioula*, pelo também brasileiro Belisário Franca.

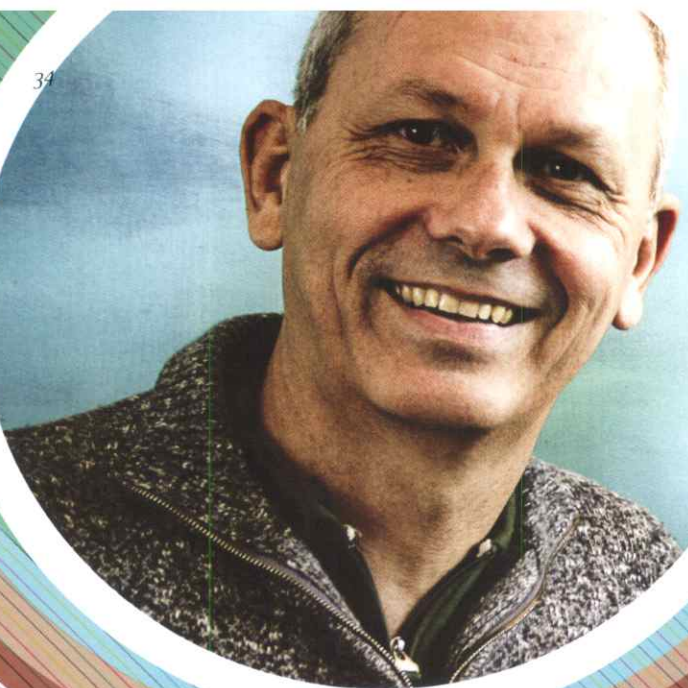
No Brasil, Agualusa criou em 2006, juntamente com Conceição Lopes e Fatima Otero,

a editora Língua Geral, sediada no Rio de Janeiro, com o objetivo de divulgar no país autores lusófonos. Seus lançamentos vêm obtendo sucesso entre o público leitor e a crítica especializada.

Agualusa publica regularmente crônicas para a revista *LER* e para o jornal angolano *A Capital*. Está à frente, também, do programa radiofônico *A Hora das Cigarras*, com música e textos africanos, realizado para a RDP África. O escritor é membro da União dos Escritores Angolanos.

José Eduardo Agualusa





José Miguel Wisnik

José Miguel Wisnik é músico, escritor, ensaísta e professor universitário. Nasceu em São Vicente (SP) e estudou piano clássico desde criança. Sua primeira apresentação como solista foi com a Orquestra Municipal de São Paulo, aos 17 anos. Em 1968 participou de festival da extinta TV Tupi com a canção *Outra Viagem*, cantada por Alaíde Costa.

Wisnik graduou-se em Letras (1970) pela Universidade de São Paulo, onde se tornou mestre e doutor em teoria literária e literatura comparada. Atualmente leciona literatura brasileira na mesma universidade. Tem feito

conferências em outras instituições do Brasil e do exterior, além de ter atuado como professor visitante na Universidade da Califórnia.

Como compositor, lançou os CDs *José Miguel Wisnik, São Paulo Rio e Pérolas aos Poucos*. Fez música para dança em colaboração com o Grupo Corpo (*Nazareth e Parabelo*, em parceria com Tom Zé; e *Onqotô*, em parceria com Caetano Veloso), música para cinema (*Terra Estrangeira*, de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas, e *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho) e para teatro, com o Teatro Oficina (*As Boas*, *Hamlet* e *Mistérios Gozozos*). Fez direção artística para disco de

Elza Soares, uma das intérpretes de suas canções, bem como Ná Ozzetti, Monica Salmaso, Maria Bethânia, Djavan e Caetano. Gal Costa gravou *Embebedado*, parceria dele com Chico Buarque.

O músico tem se apresentado em *shows* no Brasil e no exterior. Desde 2005, realiza séries de “aulas-shows” com o violonista e compositor Arthur Nestrovski.

José Miguel Wisnik escreve regularmente ensaios sobre música e literatura. Publicou *O Coro dos Contrários*; *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*; *O Som e o Sentido*; *Sem Receita*; *Veneno Remedio*; e *Machado Maxixe*.

Laerte Coutinho nasceu em São Paulo. Entre 1966 e 1968, estudou desenho na Fundação Armando Álvares Penteado. Lá também fez teatro com o dramaturgo Naum Alves de Souza. Iniciou sua carreira como cartunista na década de 70, durante a passagem pelos cursos de música e jornalismo da Universidade de São Paulo. Seu primeiro trabalho profissional foi para a revista *Sibila*.

Em 1972, junto a outro importante cartunista, Luiz Gê, lançou a revista *Balão*. A partir de 1974, Laerte começa a ganhar visibilidade, publicando trabalhos nas revistas *Banas* e *Placar* e no diário *Gazeta Mercantil*.

Na mesma época, produz material para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Funda a Editora Oboré, em 1975, produzindo material de divulgação para sindicatos de todo o Brasil. Paralelamente, colabora com revistas e jornais, como *Veja*, *IstoÉ*, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *O Pasquim*. Cria posteriormente o suplemento *Folhinha de S.Paulo* e as revistas *StripTiras* e *Piratas do Tietê*.

Em 1985 Laerte passa a publicar suas tiras e histórias em quadrinhos nas revistas *Chiclete com Banana* (editada pelo cartunista Angeli) e *Circo*. No mesmo ano lança o livro *O Tamanho da Coisa*.

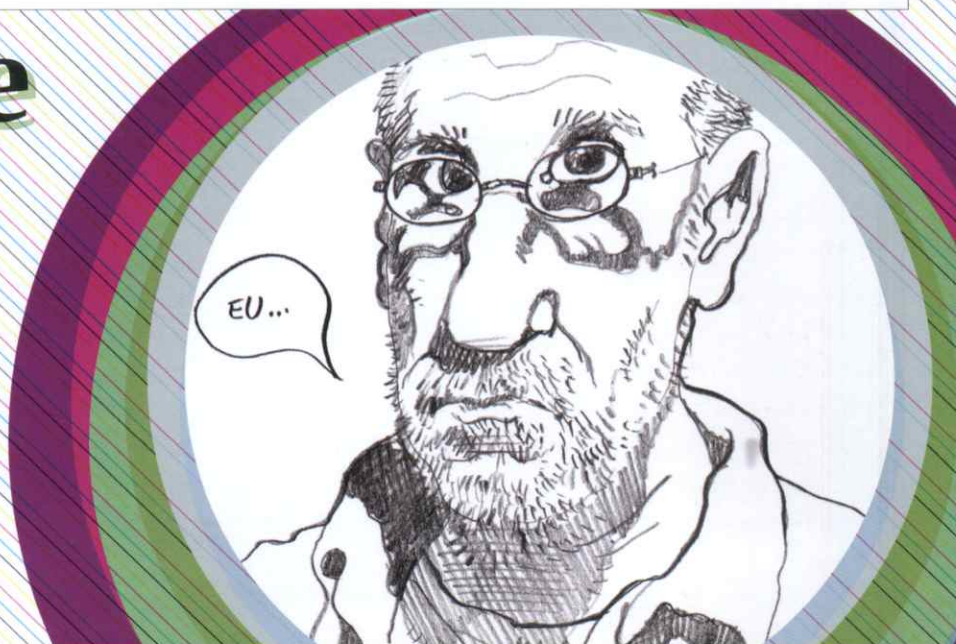
Depois publicou, entre outros, *Gato e Gata*, *Suriá*, *Deus e Overman*, e as aventuras de Los 3 Amigos, produzidas com Angeli, Adão e Glauco.

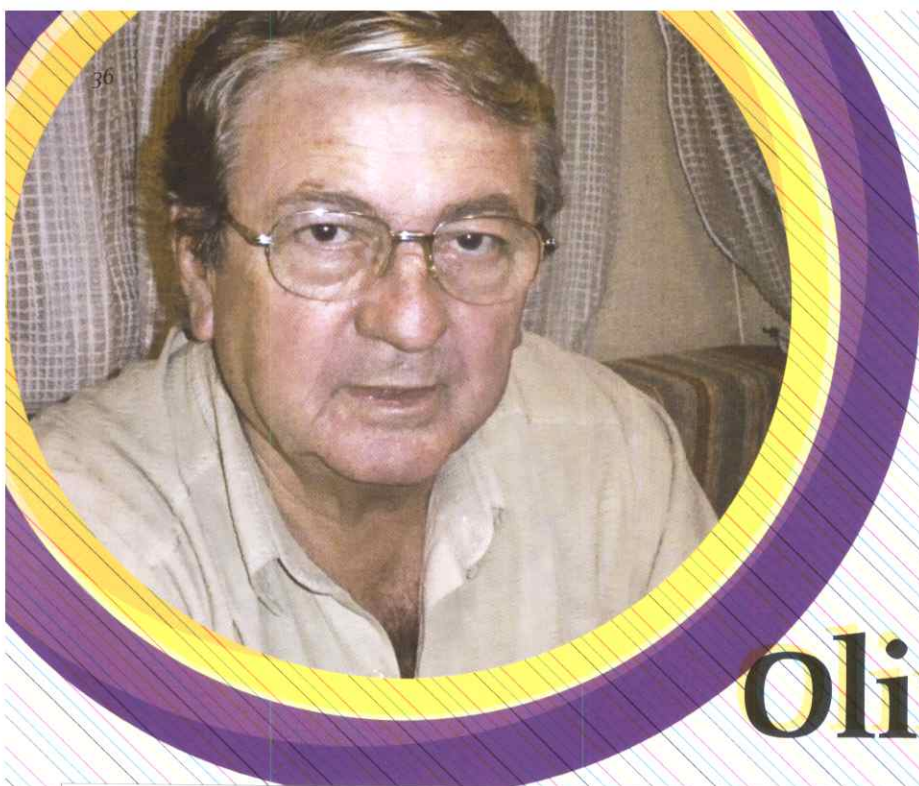
O cartunista já participou de exposições em Cuba, na Itália, na Colômbia e na França. Foi premiado no Salão de Piracicaba e recebeu o Troféu HQMix e o Prêmio Ângelo Agostini.

Escreveu roteiros para os programas *TV Pirata*, *TV Colosso*, *Sai de Baixo* e *Vida ao Vivo*. Com Paulo Lopes, criou a peça *Piratas do Tietê - O Filme*, encenada em 2003.

Laerte também fez cobertura jornalística das copas de 78, 82 e 86.

Laerte





Luiz Olimecha

Luiz Franco Olimecha nasceu no Rio de Janeiro em 1942. É artista de circo, ator, autor e diretor. Criou, com Orlando Miranda, a Escola Nacional de Circo (ENC), inaugurada em 1982 com o objetivo de formar artistas e técnicos.

No circo, além de trapezista (sua especialidade), ele foi palhaco, acrobata e até motorista de caminhão. De uma família circense, pertence à terceira geração envolvida com esse universo - uma ligação à qual seu filho Raul dá continuidade.

Seu avô, segundo Luiz, foi rebatizado informalmente

como Franco Olimecha por uma trupe de acrobatas franceses ao emigrar de navio do Japão para a Argentina e teve treinamento na prática do equilíbrio durante a travessia. Fundou o circo do clã no Rio em 1900, junto com o palhaco, ator e compositor Benjamin de Oliveira.

Luiz Olimecha via na Escola Nacional a oportunidade para tornar a área - tradicionalmente regida por relações de parentesco - menos fechada e mais profissional. Defendeu esse rumo, inclusive, como uma necessidade para o futuro dos fazeres circenses. Foi o

primeiro diretor da instituição e buscou profissionais com longo tempo de lona para lecionar para as primeiras turmas. "Não há técnico de futebol que não tenha sido jogador", justifica.

A escola, que funciona na capital fluminense, mantém um curso técnico de três anos e meio reconhecido pelo Ministério da Educação. A seleção dos alunos se dá por concurso público, com provas que avaliam capacidade física e aptidão motora, redação, desempenho artístico e perfil psicológico. A ENC também oferece curso de reciclagem para artistas.

Lydia Hortélio é reconhecida no Brasil e no mundo como uma referência no ensino de música para crianças.

Formada em música e etnomusicologia, Lydia nasceu em Salvador, em 1932, onde iniciou sua atuação no campo da educação.

Após passar um período de sete anos estudando na Alemanha e em Portugal, retorna ao Brasil, já preocupada a questão da natureza da cultura brasileira e o problema de uma educação com identidade cultural.

Assim, a professora decide investigar a música do povo,

radicando-se Universidade Federal da Bahia, com a tarefa de recolhimento e catalogação de música folclórica.

Inicia, então, sua pesquisa com a música de gaita - expressão amplamente difundida no nordeste do estado. Essa experiência a conduziu ao levantamento sistemático das manifestações musicais da zona rural.

Em 1995, organizou com Antônio Nóbrega e Maria Amélia Pereira o curso "A arte do brincante para educadores", proposta de educação baseada na cultura popular e na cultura da criança.

Em agosto de 2009, entregou à Funarte uma coletânea de sete CDs com gravações originais, recolhidas desde 1968 no sertão baiano.

Além dessas atividades, Lydia Hortélio ministra palestras, cursos e oficinas em vários estados, buscando contribuir para uma educação da sensibilidade e uma consciência de Brasil. Ela gosta de ser identificada como uma pessoa que acredita no brincar e na música tradicional da infância como elementos emancipadores.

Lydia Hortélio





Mamulengo Só-Riso

O teatro Mamulengo Só-Riso foi criado em 1975 em Olinda (PE). Seu idealizador foi o pesquisador do boneco brasileiro e das artes de tradição popular Fernando Augusto Gonçalves, juntamente com Nilson de Moura e Luiz Mauricio Carvalheira, já falecidos.

A formação profissional de Fernando Augusto teve início em 1967, no Teatro Popular do Nordeste (TPN), sob a direção de Hermilo Borba Filho - vivência para a transmissão do ofício cênico, a apreensão do universo cultural e das artes criadas no país.

No Só-Riso, ele atuou como diretor artístico, ator, dramaturgo, construtor de bonecos e cenógrafo.

Ao longo dos últimos 34 anos, a carreira do artista se mistura à vida do teatro. Na cultura popular ele já fez criação cênica, cenográfica e museográfica, exposições, festivais, centenas de oficinas, criação de museus, curadorias, cortejos e artesanato de tradição, instalações alegóricas, presépios gigantes e cenografias para os carnavais de Olinda.

O mamulengo é uma raridade cênica. Historicamente sem apoio, o trabalho se consolida no Brasil e fora dele, englobando diferentes territórios culturais. Uma metodologia que resgata o que aparentemente estava esquecido. Um pólo de identidade e resistência.

Hoje, o Complexo Cultural Mamulengo Só-Riso é um centro de formação de novos bonequeiros e promove a inclusão social de centenas de jovens. Fazem parte de sua estrutura o Museu do Mamulengo, o Teatro Mamulengo Só-Riso e a Escola de Artes e Ofícios Alegóricos.

A instituição e seu criador conquistaram prêmios como o Fundação Joaquim Nabuco e a Medalha do Mérito da mesma instituição; o Rodrigo de Melo Franco (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); o Troféu Cidade do Recife; e o Prêmio Banco Mundial de Cidadania.

Manoel de Oliveira nasceu na cidade do Porto, em 1908. Considerado um dos maiores cineastas europeus, ele está em atividade desde 1931, quando lançou seu primeiro filme, o documentário *Douro, Faina Fluvial*.

Artista polêmico por sua forma de conceber o cinema, divide opiniões na crítica especializada por seu estilo autoral, com um ritmo mais lento, que dá mais importância às palavras e ao conteúdo do que à ação em si.

O diretor fez carreira como ator, participando de produções de cineastas ativos quando iniciou

sua carreira, como o português Cottinelli Telmo e o italiano Rino Lupo. Já nos anos 90, participou do filme *O Céu de Lisboa*, do alemão Wim Wenders. Nos anos 80, atuou também como dramaturgo.

Em 1942, Oliveira ingressou no campo da ficção, com o filme *Aniki-Bobô*. Na década de 50, passou por um estágio nos laboratórios da AGFA, para estudar a cor aplicada ao cinema, que veio a aplicar no documentário *O Pintor e a Cidade* (1957).

Mas ele só encontraria a consagração internacional nos anos 60, quando foi homenageado no

Festival de Locarno (em 1964) e teve sua obra exibida pela Cinemateca de Henri Langlois, em Paris (1965).

Em 1985, recebeu o Leão de Ouro no Festival de Veneza pelo filme *Le Soulier de Satin*, e partir daí seria homenageado em festivais como Tóquio, São Francisco, Roma e Cannes.

Manoel de Oliveira, que já havia produzido 47 filmes, entre ficção e documentário, lançou em 2009 seu mais recente longa-metragem, *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, inspirado na obra homônima de Eça de Queirós.

Manoel de Oliveira





Maracatu Estrela de Ouro da Aliança

O grupo Maracatu Estrela de Ouro da Aliança nasceu há cerca de 30 anos, quando Mestre Batista e outros moradores do Sítio Chã de Camará, na cidade de Aliança, em Pernambuco, decidiram criar um grupo de maracatu. A ideia era acrescentá-lo às brincadeiras do Cavalo Marinho, rodas de ciranda e forró de rabeça já praticadas no local.

Durante anos, o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança saiu apenas para visitar os povoados das cidades vizinhas. Mas o grupo foi crescendo e ganhando popularidade até figurar entre

maiores maracatus do Estado de Pernambuco. Por diversas vezes foi campeão nos desfiles promovidos pela prefeitura do Recife durante o carnaval.

Com a morte de Mestre Batista, em 1991, o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança passou a ser presidido por seu filho, o mestre José Lourenço. Atualmente o grupo tem mais de 40 Caboclos de Lança e uma orquestra que já visitou vários países.

O Maracatu Estrela de Ouro foi, desde o início, um verdadeiro ponto de encontro de todas as

culturas da região e de onde saíram vários mestres. Na nova fase, iniciada em 1992, o Estrela de Ouro foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura, um local de preservação, recriação e transferência cultural do povo brasileiro. Atualmente conta com uma biblioteca reconhecida como Ponto de Leitura e um estúdio de gravação.

Recentemente, a história do grupo foi contada pelo historiador Severino Vicente no livro *Maracatu Estrela de Ouro de Aliança: A Saga de uma Tradição*.

Considerada a maior intérprete que Villa-Lobos já teve, soprano Maria Lucia Godoy é mineira, nascida em Mesquita, em 1929. Antes de se dedicar à carreira de musicista, formou-se em letras na Universidade Federal de Minas Gerais.

Com a mudança para o Rio de Janeiro, passou a receber aulas do mestre Pasquale Gambardella. Naquela época, Maria Lucia ganhou cinco concursos consecutivos, entre os quais os famosos Lorenzo Fernandez e Vera Janacópulos.

Dotada de rara técnica, possui impecável afinação e grande expressividade dramática, sendo capaz de cantar e atuar com a mesma desenvoltura.

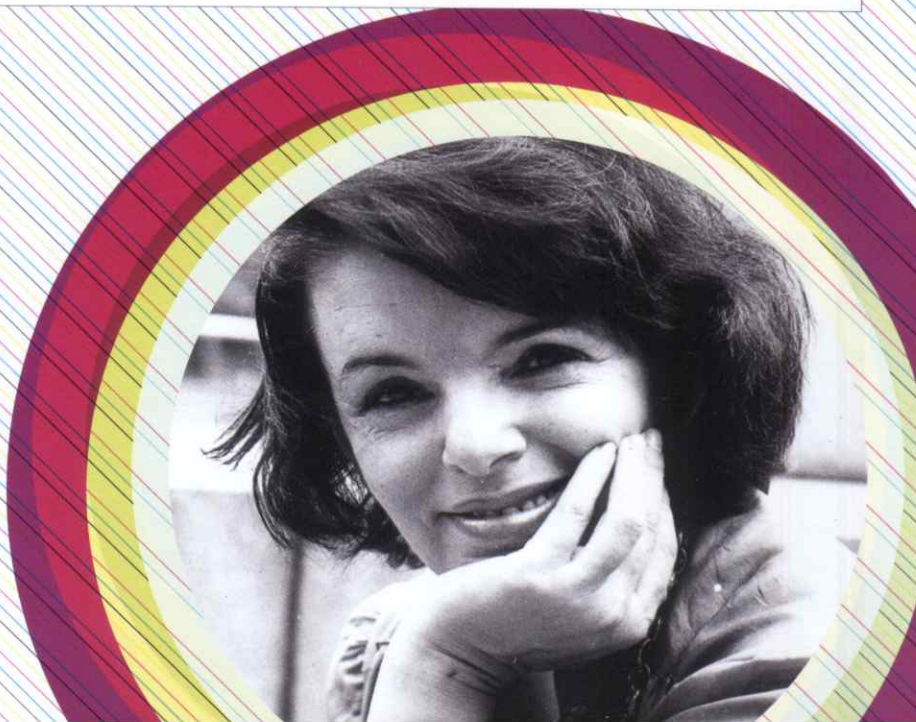
Essa versatilidade permite que ela abarque um imenso repertório, que vai das canções tradicionais a autores contemporâneos, além de papéis operísticos e obras sinfônicas de grande envergadura.

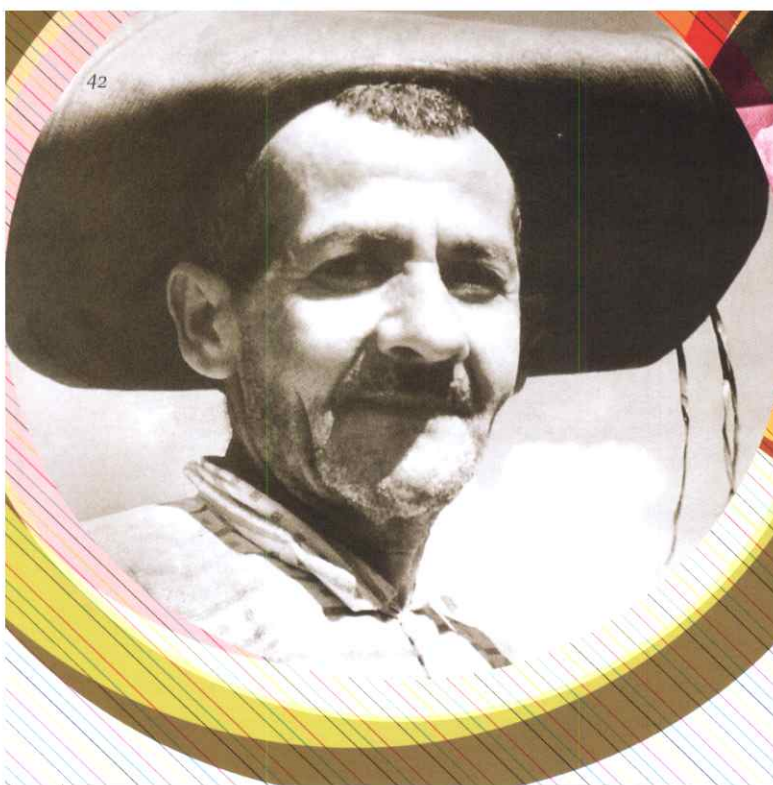
De Villa-Lobos, Maria Lucia gravou a série das *14 Serestas*, as *Bachianas n.º 5*, a *Suíte Para Voz e Violão e Floresta do Amazonas*, a obra final do maestro e compositor carioca, além de várias canções.

A grande paixão da cantora sempre foi a música brasileira. Ela nunca deixou de viajar em turnês, levando sua bela voz de cantora de câmara e solista sinfônica para os principais centros musicais do Brasil e do mundo.

Além dos palcos, Maria Lucia Godoy marcou presença no cinema como atriz em filmes como *Navalha na Carne*, de Neville de Almeida, e como ela mesma em *Glauber, o Filme - Labirinto do Brasil*, de Silvio Tendler. A cantora anunciou que pretende reunir em livro os poemas e crônicas que publicou por uma década no jornal *Estado de Minas*.

Maria Lucia Godoy





Mestre Vitalino

O artesão Vitalino Pereira dos Santos, o Mestre Vitalino, foi um dos principais artistas populares do Nordeste. Pernambucano nascido em 1909 na cidade de Ribeira dos Campos, ficou famoso por retratar a vida e o folclore nordestinos em bonecos de barro.

Filho de lavradores, analfabeto, o ceramista começou a produzir seus primeiros trabalhos ainda criança. Aproveitava as sobras do barro usado por sua mãe na produção de utensílios domésticos para fazer pequenos animais que seriam vendidos na Feira de Caruaru.

Com o tempo, Vitalino aperfeiçoou sua prática e passou a pautar seus trabalhos pelo agreste nordestino. Sua inspiração eram cenas do cotidiano rural: sua gente, usos e costumes. Aos 38 anos, estimulado pelo artista plástico e colecionador pernambucano Augusto Rodrigues, muda-se para Alto do Moura e fica mais próximo da Feira de Caruaru, na qual passa a oferecer em uma barraca bonecos feitos com barro. Seus trabalhos ganham fama e repercussão.

Em 1955, integra a exposição Arte Primitiva e Moderna

Brasileiras, em Neuchatel, Suíça. Outros artistas populares passam a esculpir também bonecos, quase sempre com o apoio de Vitalino, que os ajudava transmitindo sua técnica. Ensinava o trato do barro, os cuidados com a secagem das peças e a correta queima no forno a lenha.

O bonequeiro vem a falecer em 1963, acometido de varíola. Suas obras estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, podendo ser encontradas tanto na Casa-Museu de Mestre Vitalino, em Alto do Moura, como no Museu do Louvre, em Paris.

Considerado um dos maiores escritores vivos de língua portuguesa, o moçambicano Mia Couto nasceu na Cidade da Beira, em 1955.

O escritor formou-se em biologia, mas depois da independência de Moçambique, em 1975, ingressou no jornalismo e trabalhou como diretor de vários jornais e revistas em seu país.

Transitando entre os diferentes gêneros literários, Mia Couto estreou em 1983, com *Raiz de Órvailho*, livro de poesia. Em 1987 ele lançaria sua primeira obra em prosa, o livro de contos *Vozes Anoitecidas*.

Em 1992 estreia como romancista com *Terra Sonâmbula*. A partir de então, apesar de manter o trabalho como biólogo e professor, tornou-se um assíduo escritor, tendo sido publicado em 24 países. Sua obra foi traduzida para espanhol, francês, italiano, alemão, sueco, norueguês e holandês.

Mia Couto narra, com sua linguagem original, as raízes de sua terra, explorando as idiossincrasias dos povos de seu país e do continente africano. Tributário do brasileiro Guimarães Rosa, o escritor moçambicano tem despertado o interesse da crítica e agradado

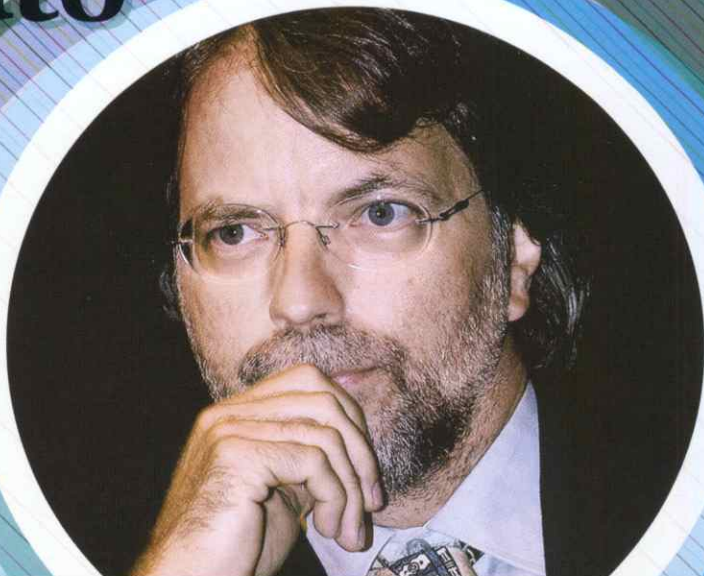
ao público leitor com seu estilo que trabalha com o fantástico, com o realismo imaginário e com o poético.

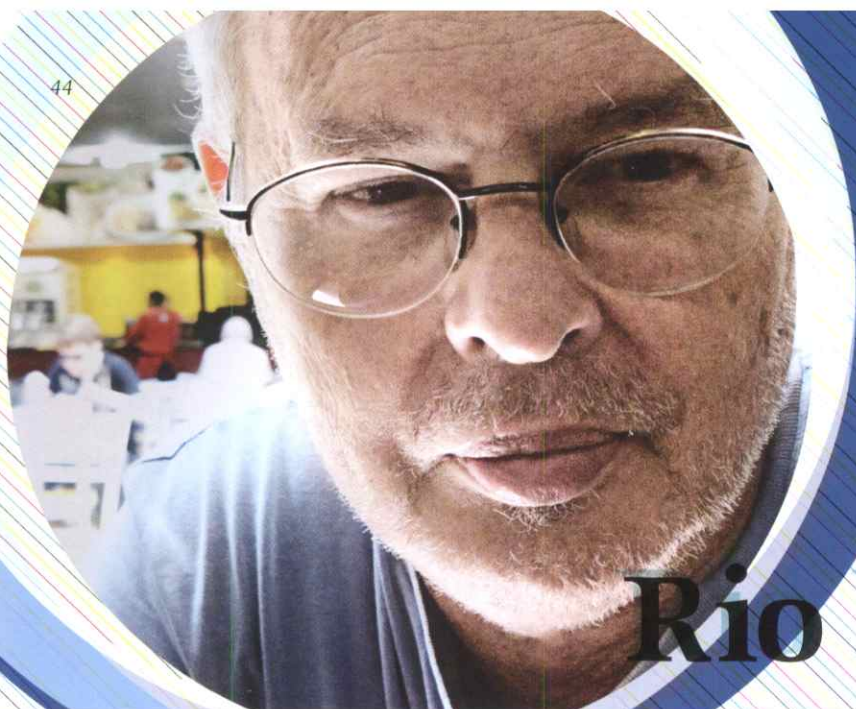
No Brasil, Mia Couto é membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

O escritor recebeu vários prêmios, como o Vergílio Ferreira pelo conjunto da obra (em 1999) e o Prêmio Literário Mário Antônio (2001), a ele atribuído pelo romance *O Último Voo do Flamingo* (de 2000).

Suas mais recentes obra foram *Interinvenções* (livro de ensaios) e *Jesusalém* (contos), ambos em 2009.

Mia Couto





Miguel Rio Branco

Miguel da Silva Paranhos do Rio Branco nasceu em 1946 em Las Palmas de Gran Canaria, na Espanha. Pintor, fotógrafo, diretor de cinema e criador de instalações multimídia, Rio Branco começou sua carreira em 1964.

Em 1966 estudou no New York Institute of Photography e em 1968 na Escola Superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro.

Miguel Rio Branco construiu um trabalho documental de forte carga poética. Em pouco tempo foi reconhecido como um dos melhores fotojornalistas em imagens coloridas. É correspondente da Magnum Photos desde 1980.

Nos anos 80, recebeu o Grande Prêmio da Primeira Trienal de Fotografia do Museu de Arte Moderna de São Paulo e foi um dos três vencedores do Prêmio Kodak de la Critique Photographique.

Nos últimos 20 anos, seu trabalho foi visto nos principais museus do mundo, a exemplo de: Centre George Pompidou, na França; Bienal de São Paulo; Metropolitan Museum of New York, nos Estados Unidos; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

As fotografias de Rio Branco foram publicadas em revistas como *Stern*, *National Geographic*, *Aperture* e *Photo Magazine*. *Dulce Sudor Amargo*, seu primeiro livro, foi publicado em 1985. O segundo,

Nakta, em 1996. Em 1998 lançou *Miguel Rio Branco* e *Silent Book*.

No cinema, dirigiu 14 curtas-metragens e fotografou oito longas. Ganhou o prêmio de melhor direção de fotografia por *Memória Viva*, de Otávio Bezerra, e *Abolição*, de Zózimo Bulbul, no Festival de Cinema do Brasil. Também dirigiu e fotografou sete filmes experimentais e dois vídeos, incluindo *Nada Leverei quando Morrer* e *Aqueles que mim Deve Cobrarei no Inferno*, premiado no Festival de Cinema de Brasília e no Festival Internacional de Documentários e Curtas de Lille, na França.

Miguel Rio Branco vive e trabalha atualmente no Rio de Janeiro.

Filha de pai polonês e mãe belga, Nathália Timberg nasceu no Rio de Janeiro. No final dos anos de 1940, formou-se pela Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Já no teatro universitário, ganhou uma bolsa de estudos do governo da França por seu desempenho. Frequentou o curso de formação de ator na Education par les Jeux Dramatiques, de 1951 a 1954.

Ela tinha 25 anos quando retornou ao Brasil. Sob a direção de Bibi Ferreira, estreou na peça Senhora dos Afogados, de Nelson Rodrigues. Ainda na década de 50, integrou o Teatro dos Sete, um dos mais importantes

grupos da história do país.

Participou de montagens inesquecíveis. Desde *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, em 1960, até as mais recentes como *Conduzindo Miss Dayse*, de Bibi Ferreira, e *Melanie Klein*, com a qual viajou por mais de 30 cidades.

Sua primeira aparição na tevê aconteceu em 1956, no *Grande Teatro*, da TV Tupi, onde ficou por sete anos. Em 1963, participou do teleteatro, exibido pela TV Rio, e, dois anos depois, passou a apresentar encenações na recém-criada TV Globo.

Em novelas, viveu a irmã Maria Helena de Juncal de *O Direito de Nascer*. A adaptação do clássico radiofônico de Félix Caignet foi

exibida pela Tupi, em 1964.

No mesmo ano, ganhou seu primeiro prêmio Molière, pela atuação em *Meu Querido Mentiroso*, de Jerome Kilty. Em 1988, foi premiada novamente com a peça, agora sob a direção de Wolf Maya.

A atriz é detentora de prêmios como o Saci, o Associação de Críticos Teatrais, o Governador do Estado de São Paulo e o Mambembe.

Outra atuação de peso se deu em *A Muralha*, exibida em 1968 pela TV Excelsior. No cinema, teve presença marcante em *Viagem aos Seios de Dúlia*, de Carlos Hugo Christensen, e *Dedé Mamata*, de Rodolfo Brandão.

Ao todo, Nathália Timberg esteve em 46 telenovelas.

Nathalia Timberg





Ney Matogrosso

Ney Matogrosso nasceu na cidade de Bela Vista, no estado de Mato Grosso, em 1941 e desde jovem carregou, como traço de sua personalidade, uma grande carga de contestação aos valores conservadores da sociedade.

Foi em Brasília que ele insinuou os primeiros passos como cantor. Naquela época, fez de tudo para sobreviver, trabalhando de técnico de laboratório a artesão de peças de couro. O cantor foi para o Rio de Janeiro em 1966, onde conheceu o músico João Ricardo, com quem formaria um dos maiores grupos dos anos 70, o Secos e Molhados.

O primeiro disco do grupo

foi um sucesso de vendas. Além das belas canções e da voz de Ney, o que chamou a atenção do público foram as fantasias e as maquiagens que os músicos usavam. O grupo transmitia uma ideia de liberdade numa época em que o país ainda se encontrava nos anos de chumbo da ditadura militar.

Ney abandonou o grupo em 74, mas não deixou de scandalizar o país com suas performances, o que lhe rendeu inúmeras ameaças por parte dos órgãos de repressão da época.

Dos anos 70 aos fins dos anos 80, Ney lança alguns de seus maiores sucessos, como

Bandido Corazón, Homem com H e Vereda Tropical, entre outros.

Nos anos 90, faz trabalhos refinados, como o disco *À Flor da Pele*, com Raphael Rabello. Em 2004, participa do projeto *Vagabundo*, ao lado do grupo carioca Pedro Luis e a Parede.

Além de cantor, Ney Matogrosso é coreógrafo, iluminador e dançarino, e dirigiu espetáculos como o do compositor Chico Buarque, no show *Paratodos*.

O artista, que sempre teve como um de seus temas preferidos a natureza, mantém no estado do Rio de Janeiro uma área de preservação ambiental.

Noca da Portela (Osvaldo Alves Pereira) é compositor, instrumentista e cantor. Nasceu em Minas Gerais, em 1932 e se mudou ainda criança para o Rio de Janeiro. Aos 14 anos apresentou seu primeiro samba-enredo: *Independência ou Morte*. Logo depois foi estudar violão e teoria musical na Ordem dos Músicos do Rio de Janeiro.

Começou sua carreira como compositor e cantor do Trio Tropical, em 1975, quando também ingressou na escola de samba Paraíso do Tuiuti. Compôs sambas-enredo vencedores no concurso da agremiação,

como *Os Imortais da MPB* e *Vida e Obra de Cecília Meireles*.

Mais tarde conhece Paulinho da Viola, que o convida para atuar no show *Carnaval para Principiantes* e o leva em 1967 para a Portela, onde ele integra a ala dos compositores. Na escola forma com Colombo e Picolino o Trio ABC. Em 1969, obtém o primeiro lugar no Concurso de Carnaval do Teatro Municipal do Rio, com *Chorei, Sofri, Penei* (com Picolino).

A partir da década de 1970 várias composições de Noca são gravadas com sucesso. Entre elas, *Isto Tem que Acabar* e *A Queda*. Também começam as parcerias

com outros grandes nomes da composição - por exemplo, Jackson do Pandeiro e Nelson Gonçalves.

Na Portela, ganha com seu primeiro samba-enredo em 1976: *O Homem do Tacoal*, em parceria com Colombo e Edir. Volta a vencer com outras parcerias, *Recordar É Viver* (1985) e *Gosto que me Enrosco* (1995).

Noca da Portela foi produtor e diretor musical da gravadora RCA Victor, pela qual lançou boa parte dos seus discos. Como autor, tem cerca de 300 músicas gravadas por intérpretes como Maria Bethânia, Alcione, Beth Carvalho, Luis Carlos da Vila e MPB4.

Noca da Portela





Osgemeos

A inspiração para os irmãos paulistanos Gustavo e Otávio Pandolfo vem da forma como refletem a realidade e a fantasia que os rodeiam. Conhecidos internacionalmente como Osgemeos, os artistas acreditam que cada detalhe pode ser importante na criação do mundo fantástico, cheio de histórias cotidianas, que torna suas obras facilmente reconhecíveis.

Nascidos em 1974, os irmãos se formaram em desenho de comunicação pela Escola Técnica Estadual Carlos de Campos. O grafite entra na vida da dupla em 1986. Sem ter de onde tirar suas referências, Gustavo e Otávio passam a improvisar e inventar

sua linguagem. As referências vão surgindo no dia-a-dia da capital paulista, sob influência do *hip hop* e da pichação. Gradualmente, os dois ajudam a construir um estilo brasileiro de grafite.

O universo em que vivem os seus personagens mistura realismo e ficção. Os temas circulam dos retratos de família à crítica social e política e seguem a tradição do retrato, com personagens multicoloridos envolvidos por uma espécie de aura surreal. As instalações tomam corpo em bonecos gigantes.

A participação de Osgemeos em mostras coletivas teve início em 1993. Seis anos depois, eles adentraram o cenário internacional

da arte urbana contemporânea e o circuito comercial. Hoje suas criações podem ser vistas em países como França, Portugal, Espanha, Grécia, Holanda, Cuba, Japão, China, Chile e Austrália.

Entre os projetos especiais realizados pela dupla, está o convite para pintar o castelo de Kelburn, na Escócia, em 2007. Eles também desenharam na fachada de um dos mais importantes museus da arte moderna e contemporânea, a Tate Modern, na Inglaterra, para a exposição Street Art, com outros grafiteiros.

Em junho, os irmãos coloriram um muro de 15 metros por 5, pintado por Keith Haring, em 1982, em Nova York.

Antônio Gonçalves da Silva, ou Patativa do Assaré, é um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Poeta, repentista, cantor e compositor, nasceu na cidade cearense de Assaré, em 1909.

Ainda pequeno, muda-se com a família para Assaré e, com um ano de idade, perde a visão por conta de uma sequela de sarampo. Adolescente, sustenta a família depois da morte de seu pai trabalhando em culturas de subsistência e na produção de algodão. Frequenta a escola por apenas seis meses e descobre a literatura por meio de folhetos

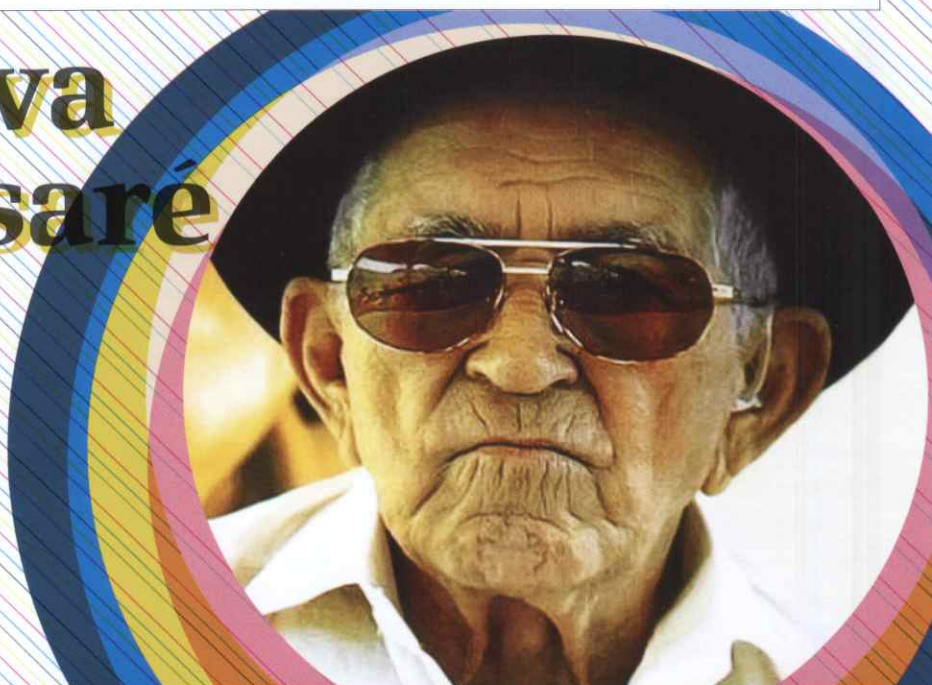
de cordel e de repentistas. Em 1925, compra um violão e passa a se dedicar à composição de versos musicados. Descoberto pelo jornalista cearense José Carvalho de Brito, publica seus primeiros textos no jornal *Correio do Ceará*. Veicula seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, em 1956, no Rio de Janeiro.

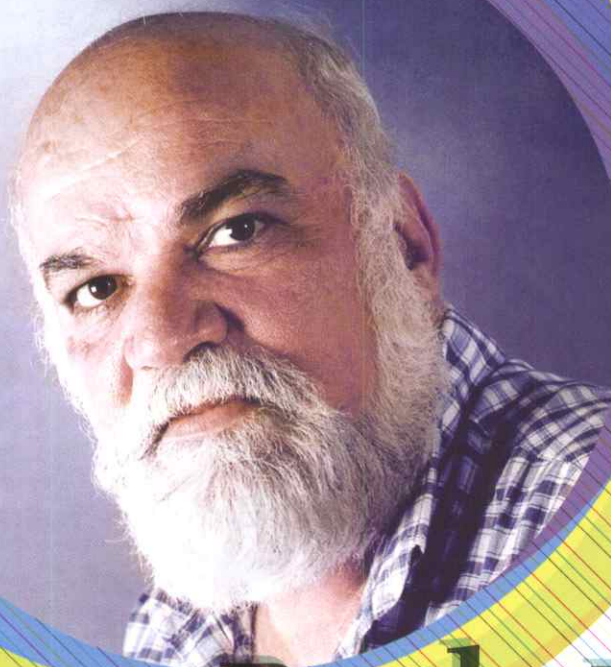
Patativa, que morreu em 2002 em Assaré, distinguiu-se com sua poesia “cabloca”, portadora de valores e ideais do camponês cearense. Retratava a luta pela terra, o cotidiano do sertanejo, suas vicissitudes e seu difícil encontro com a modernidade e a

vida urbana. Em *ABC do Nordeste Flagelado*, um de seus textos mais conhecidos, conclui: “Tudo é tristeza e amargura./ indignância e desventura./ – Veja, leitor, quanto é dura/a seca no meu sertão”.

Ao longo de sua trajetória, o poeta foi agraciado com diversas homenagens, dentre as quais destacam-se o título de doutor honoris causa da Universidade Federal do Ceará (UFC), o prêmio de Cultura Popular outorgado pelo governo brasileiro em 1995 e a Medalha Francisco Gonçalves de Aguiar, do governo cearense.

Patativa do Assaré





Paulo Bruscky

O artista plástico Paulo Bruscky, nascido na cidade do Recife, em 1949, é considerado desde os anos 70 como um dos renovadores da cena artística contemporânea do Brasil.

Sempre voltado para as ações da vanguarda e do experimentalismo, Bruscky tem realizado projetos de performance, instalação, intervenção, vídeo e linguagens multimídia. Também é um dos precursores da videoarte no país.

Em 1975, realizou, no Recife, a 1ª Exposição Internacional de Arte Postal, e a Artedoors,

a exposição internacional de arte em outdoors, também na capital pernambucana, em 1981.

No período de 1979 a 1982, realizou 30 filmes de videoarte e inventou, em 1980, os chamados "xerofilmes", feitos a partir de imagens xerográficas, abrindo um novo campo para o desenho animado e o cinema experimental.

Também em 1981, recebe prêmio da Fundação Guggenheim, e passa a desenvolver suas pesquisas em Nova York e em Amsterdã.

O artista possui importante acervo documental acerca das

vanguardas artísticas do pós-guerra. Foi um dos 12 artistas convidados para fazer uma versão da obra de Juan Gris quando Madri foi escolhida capital europeia da cultura, em 1992.

Em 2004 teve uma sala especial na 26ª Bienal de São Paulo e uma exposição retrospectiva no MAC/USP entre 2007/2008, com curadoria de Cristina Freire, que publicou um livro sobre ele, intitulado *Paulo Bruscky - Arte, Arquivo e Utopia*. Foi artista convidado para a Sala Especial na X Bienal de Havana, Cuba, 2009.

O paulistano Paulo Vanzolini, nascido em 1924, é um dos principais compositores da música popular brasileira. Autor de sucessos como *Volta por Cima*, *Praça Clóvis* e *Ronda*, esse poeta que cantou a boemia da Pauliceia notabilizou-se também por uma intensa atividade científica. Zoológico de destaque, recebeu a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e foi premiado pela Fundação Guggenheim, em Nova York, por suas contribuições para o progresso da ciência.

A combinação peculiar entre boemia e paixão pelos estudos vem desde a adolescência, quando começou a frequentar

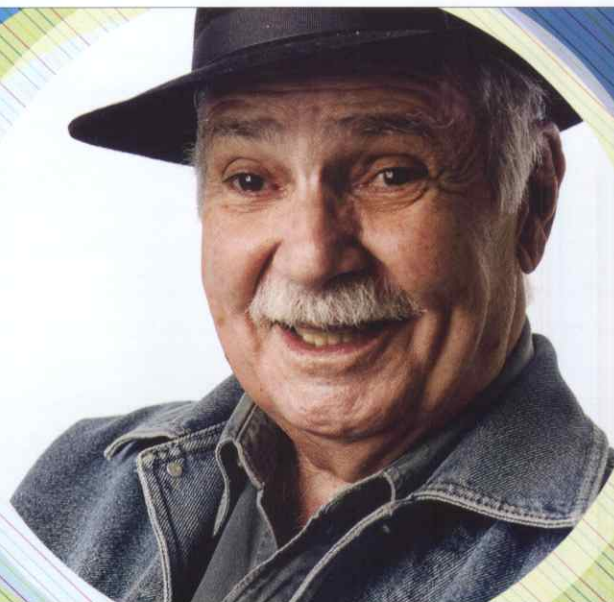
rodas de malandro. Enquanto investia nos estudos e em sua formação em zoologia, acumulava canções inéditas, quando muito conhecidas apenas por restrito grupo de boêmios.

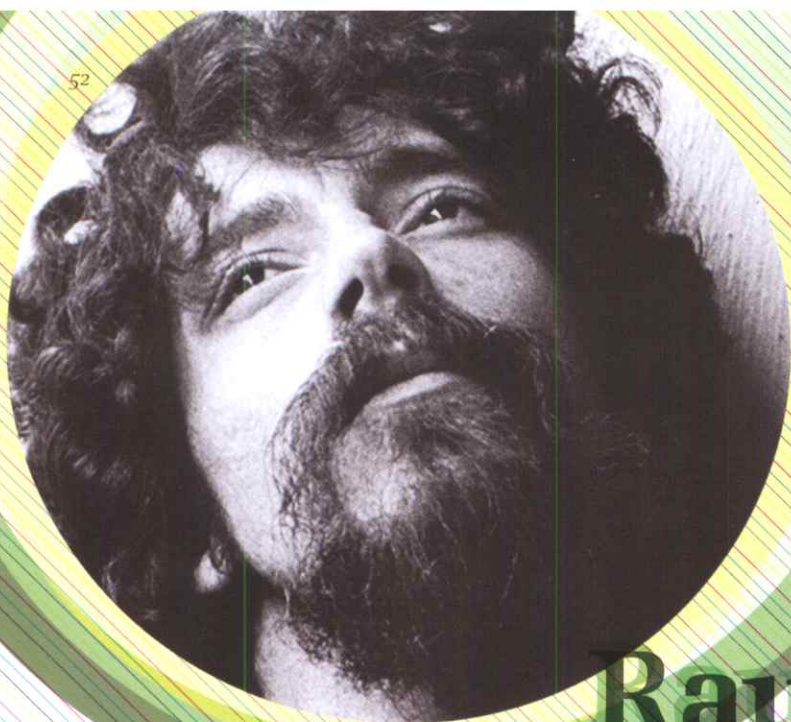
Concluiu a faculdade de medicina em 1947, casou-se no ano seguinte e partiu para os EUA, onde se doutorou em zoologia, na Universidade de Harvard. De volta a São Paulo, em 1951, compôs o samba *Ronda* e publicou um livro de versos, *Lira*. Mais tarde, em 1959, ofereceu seu samba *Volta por Cima* à cantora Inezita Barroso, que não quis gravá-lo. Seu amigo José Henrique (violonista) incentivou-o a mostrar o mesmo samba ao cantor Noite Ilustrada,

que o lançou pela Philips em 1963, com grande sucesso.

Suas canções foram interpretadas por grandes nomes da música brasileira, como Chico Buarque, Maria Bethânia, Carmen Costa e Ângela Maria, entre outros. Em 2009, o diretor de cinema Ricardo Dias homenageou o compositor com o documentário *Um Homem de Moral*. Nele, Vanzolini diz: "Nunca fiz música profissionalmente. Nunca quis perder tempo nisso, porque nunca considereei minha profissão". Trabalhou no Museu de Zoologia da USP por mais de 50 anos e foi diretor da instituição entre 1962 e 1993, quando se aposentou.

Paulo Vanzolini





Raul Seixas

Ele professava numa sociedade alternativa e imprimiu como característica principal de suas composições a contestação dos valores burgueses. Seu nome: Raul Seixas, também conhecido como Raulzito.

O cantor e compositor nasceu em Salvador, Bahia, em 1945, e seus primeiros sucessos foram com o grupo Raulzito e os Panteras, no início dos anos 60, imitando o estilo de Elvis Presley.

Em 1972, participou do Festival internacional da Canção, com o sucesso *Let Me Sing Let Me Sing*, que rendeu a Raul a gravação do disco *Ouro de Tolo* pela Philips.

Ao lado de Paulo Coelho, com quem compôs várias canções, seguiu exilado para os Estados Unidos, por desavenças com o regime militar.

Após retornar ao Brasil, em 74, lançou sucessos como *Há Dez Mil Anos Atrás* e *O Dia em que a Terra Parou*.

Nos anos 80, apesar de problemas de saúde, Raul gravou músicas inesquecíveis como *Metamorfôse Ambulante*, *Al Capone*, *Mosca na Sopa*, *Maluco Beleza*, *Rock das Aranhas* e *Cowboy Fora da Lei*, entre muitas outras.

Ele foi o primeiro artista brasileiro a ter um LP organizado e lançado por

um fã-clube, a coletânea de gravações raras *Let Me Sing my Rock-and-Roll* (em 1985).

No fim dos anos 80, iniciou uma parceria com Marcelo Nova, que resultou em seu último álbum, *A Panela do Diabo*, em 1989, ano em que faleceu.

Após sua morte continua em voga, com músicas regravadas por artistas como Caetano Veloso, Margareth Menezes e o grupo RPM.

Entre seus pensamentos, um ilustra bem sua visão de vida: "Eu não sou louco, é o mundo que não entende minha lucidez".

Nascido em 1928 em Recife, Gilvan José de Meira Lins Samico é gravador, pintor, desenhista e professor.

Participa da fundação, em 1952, do Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), idealizado por Abelardo da Hora. Na mesma década, estuda xilogravura com duas referências dessa linguagem: Livio Abramo, na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), e Oswaldo Goeldi, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Sua obra, de um exuberante apuro técnico, tem nas texturas

com ritmos lineares uma das características distintivas. São as gravuras em madeira que alcançam maior projeção, mas ele também produziu ao longo da carreira muitos desenhos e, em menor escala, serigrafias e pinturas a óleo sobre madeira.

Em 1965, Samico muda-se para Olinda (PE). Leciona na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. De 1968 a 1970, com prêmio obtido no 17º Salão Nacional de Arte Moderna, permanece por dois anos na Europa.

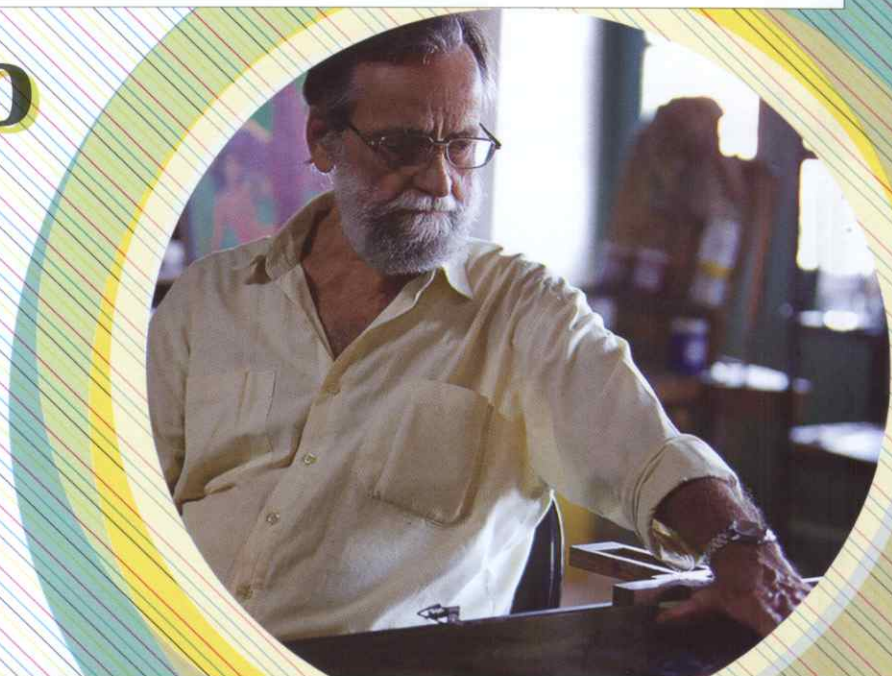
Em 1971, a convite de Ariano Suassuna, integra o

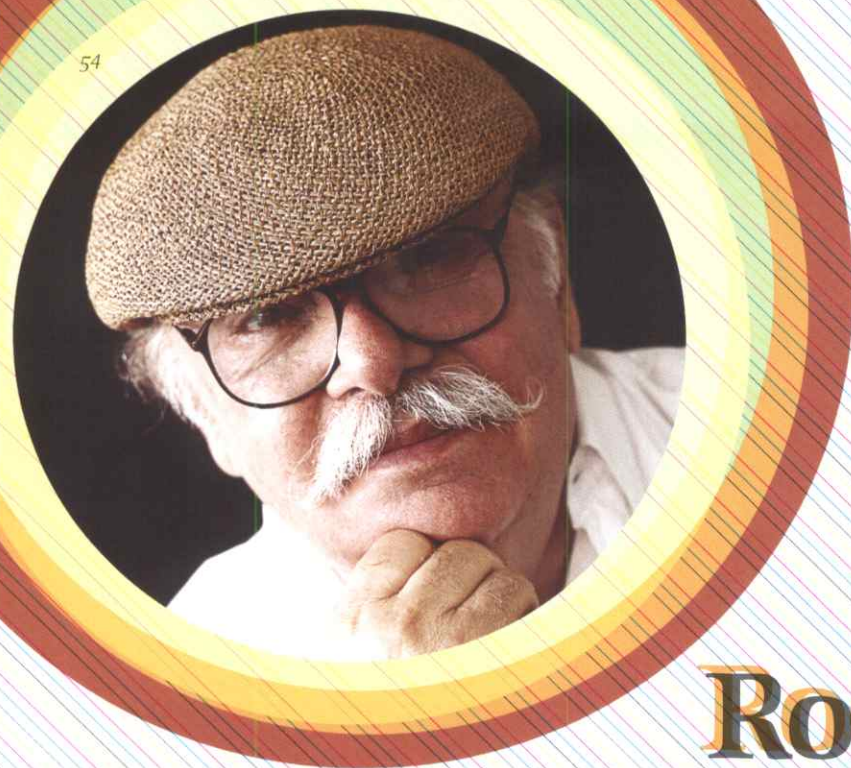
Movimento Armorial, que busca construir uma arte brasileira erudita a partir das raízes da cultura popular nordestina, em especial a literatura de cordel e seus elementos agregados.

O romancista popular nordestino, do qual a xilogravura é um dos pilares, alimenta a produção de Samico. Personagens bíblicos e lendários, animais fantásticos e uma diversidade de signos compõem suas imagens.

O artista tem trabalhos no acervo do MoMA, em Nova York, e foi premiado na Bienal de Veneza, da qual participou duas vezes.

Samico





Sergio Rodrigues

O arquiteto e *designer* carioca Sergio Rodrigues nasceu em 1927 e desde os anos 50 vem ajudando a tornar o *design* nacional conhecido mundialmente com uma linguagem própria e bem brasileira.

Sergio fundou em 1955 a indústria Oca, nome que define uma intenção: retomar o espírito da simplicidade da casa indígena, integrar passado e presente na cultura material brasileira.

Em 1968 montou seu próprio ateliê no Rio de Janeiro, desenvolvendo linhas de móveis para produção industrial, projetos

de arquitetura e ambientação para hotéis, residências e escritórios, bem como sistemas de casas pré-fabricadas.

Fez ainda projetos de mobiliário para vários edifícios governamentais, como a Embaixada do Brasil na Piazza Navona, em Roma, e o Palácio dos Arcos, a Universidade de Brasília (UnB) e o Teatro Nacional de Brasília, na capital brasileira.

Entre outras exposições, participou da Mostra Convegno Brasile 93, La Costruzione de una Identità Culturale, em Brescia, Itália, em conjunto com Lucio

Costa e Zanine Caldas, e da Bienal de Arquitetura de São Paulo.

Dos trabalhos de Sergio Rodrigues, um dos mais conhecidos é a Poltrona Mole, conhecida internacionalmente como Sheriff ou Ipanema, de 1957, que recebeu o primeiro prêmio no Concurso Internacional do Móvel em Cantù, Itália, em 1964.

No dizer de Lucio Costa, algumas de suas criações conseguem resgatar o espírito da mobília tradicional e aspectos do Brasil indígena.

O Teatro Vila Velha foi fundado em Salvador por cinco ex-alunos da Universidade Federal da Bahia: Echio Reis, Sônia Robatto, Carlos Petrovich, Othon Bastos, Thereza Sá e Carmem Bittencourt.

Liderados por seu professor, João Augusto, eles rompem com a academia e criam a chamada Sociedade Teatro dos Novos.

O Vila Velha foi inaugurado no dia 31 de julho, no Passeio Público de Salvador, apenas dois meses após o golpe militar de 1964.

A abertura foi uma amostra da diversidade que caracterizaria a instituição:

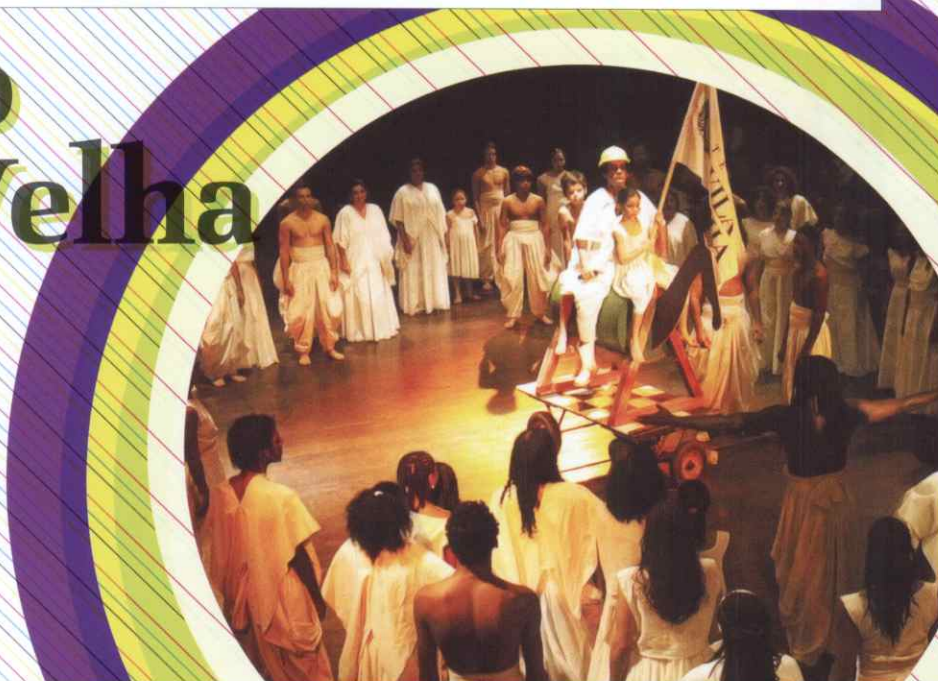
contou com apresentação de escola de samba, com o *show Nós, Por Exemplo* (estreia de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia), exposição de fotos e cartazes. Alguns meses depois, abrigou o engajado espetáculo teatral *Eles não Usam Black-Tie*, adaptação do texto de Gianfrancesco Guarnieri, com direção de João Augusto.

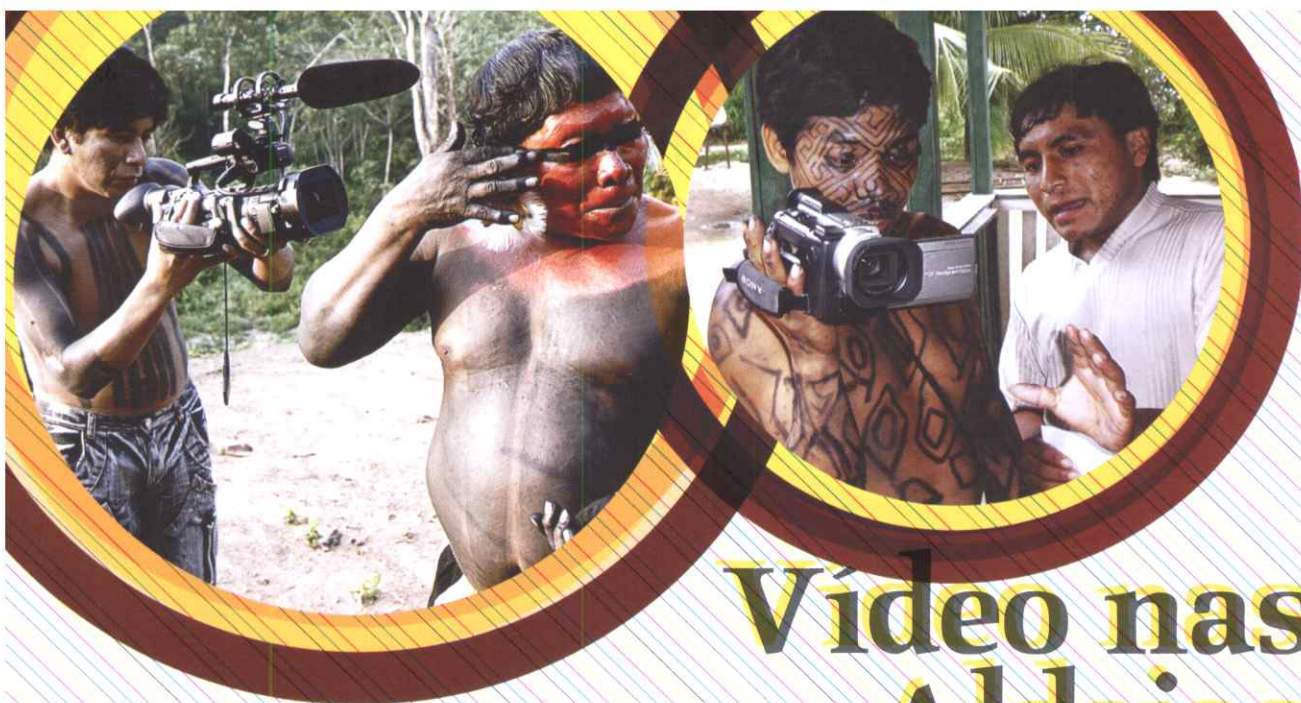
Reconstruído na década de 90, o teatro conta atualmente com seis grupos residentes de artes cênicas, que reúnem mais de 100 artistas em atividades constantes como oficinas, projetos especiais, novas

montagens e manutenção de repertório. A casa também abre suas portas para artistas de outras linguagens.

Revisando sua trajetória, o Teatro Vila Velha mantém hoje, 45 anos depois, as bandeiras fincadas pelos Novos (como ainda hoje são chamados aqueles jovens inquietos): a democratização dos bens culturais, a formação do artista e do público, o abraço à diversidade de linguagens, o comprometimento com a reflexão, a ousadia, o enfrentamento aos padrões estabelecidos, a celebração à coletividade.

Teatro Vila Velha





Vídeo nas Aldeias

Criado em 1987 pelo antropólogo Vincent Carelli, o Vídeo nas Aldeias é uma iniciativa pioneira na área de produção audiovisual indígena no Brasil. Seu principal objetivo é apoiar os povos indígenas no fortalecimento de suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais.

O Vídeo nas Aldeias começou como um experimento realizado por Carelli entre os índios Nambikwara. Diante do potencial apresentado, a experiência foi levada a outros grupos, gerando uma série de registros

audiovisuais sobre como cada povo incorporava essa linguagem de uma maneira particular.

Em 1997, foi realizada a primeira oficina de formação na aldeia Xavante de Sangradouro. O VNA iniciou então seu programa de formação de cineastas indígenas.

O Vídeo nas Aldeias recebe, em 1999, o Prêmio Unesco pelo respeito à diversidade cultural e pela busca de relações de paz interétnicas. Em 2000, o projeto realiza a série de vídeos Índios no Brasil para a TV Escola do Ministério da Educação, como introdução ao mundo indígena para estudantes.

O VNA criou um importante acervo de imagens sobre os povos indígenas no Brasil e produziu uma coleção de mais de 70 filmes, a maioria deles premiados nacional e internacionalmente, transformando-se em uma referência nacional e internacional nesta área.

Em 2007, o Vídeo nas Aldeias torna-se Pontão de Cultura. Desde então, o projeto vem expandindo sua área de atuação, agregando outras etnias em seu programa de formação e realizando novas produções.

Um ator completo, que transitou com maestria por teatro, cinema e televisão: assim é Walmor Chagas. Nascido em Alegrete (RS), em 1930, estreou seu primeiro espetáculo em 1948.

Em 1954, entra para o Teatro Brasileiro de Comédia, onde trabalha com o grande diretor Ziembinski e conhece sua futura esposa, a atriz Cacilda Becker.

Juntos, os três se mudam para o Rio de Janeiro, onde inauguram o Teatro Cacilda Becker (TCB), do qual Walmor se torna sócio majoritário. Em 1960, TCB é levado para em São Paulo, apresentando espetáculos

como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Após a morte de Cacilda Becker, Walmor direciona sua carreira mais para a televisão e o cinema, onde alcança grande destaque, esporadicamente retornando aos palcos.

Ele estreia no cinema em 1965, na película *São Paulo S.A.*, filme que lhe rendeu elogios do espanhol Luis Buñuel. Em seguida atua no sucesso *Xica da Silva* (em 1976) e, mais recentemente, na adaptação *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2001), dirigido por André Klotzel. Em 2008, participa do filme *Bodas de Papel*, de André Sturm.

Walmor chegaria à televisão também em 1965, na TV Tupi, atuando em novelas da pioneira emissora. Em 1970 transferiu-se para a TV Globo, e de lá para cá participou de produções antológicas como *Selva de Pedra*, *Final Feliz* e *Vereda Tropical*, além de minisséries de qualidade, como a adaptação de *Os Maias*, de Eça de Queirós, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

Desde 1995 o ator se retirou para uma casa na Serra da Mantiqueira, de onde só sai para atuar em produções escolhidas.

Walmor Chagas





Zeca Pagodinho

Zeca Pagodinho nasceu no Irajá (RJ) em 1959 e desde menino trocava as salas de aula por uma boa roda de samba. No anos 70, antes de poder se dedicar ao samba integralmente, teve de trabalhar como feirante, camelô, *office-boy*, contínuo e anotador de jogo do bicho. Desta época, surgiram amizades valorosas como Dorina, Monarco, Almir Guineto e Arlindo Cruz.

No início dos anos 80, Pagodinho começa a se estabelecer como sambista. Lança seu primeiro samba, *Amargura*, em disco do grupo

Fundo de Quintal, o que o aproxima da cantora Beth Carvalho, que acabaria gravando com ele o sucesso *Camarão que Dorme a Onda Leva*.

Em 1986, o sambista estreava o disco solo, *Zeca Pagodinho*, que emplacou sucessos como *Judia de Mim* e *Brincadeira Tem Hora*, atingindo a marca de 1 milhão de cópias vendidas.

Ao sair da RGE, Pagodinho grava uma sequência de discos de sucessos, como *Deixa Clarear* (1996), com os hits *Verdade*, *Conflito* e *Jilô com Pimenta*.

Em 2002 lança o álbum *Deixa a Vida Me Levar*, que ganha o Grammy Latino na categoria Samba/Pagode.

O sambista lançou dois *Acústico MTV* e, em 2008, o disco *Uma Prova de Amor*, com produção de Rildo Hora e participação especial de João Donato, Jorge Benjor e Velha Guarda da Portela.

Consagrado como um grande nome do samba, Zeca Pagodinho se divide entre *shows*, gravações e animados pagodes em seu conhecido sítio no Xerém, em Duque de Caxias, local onde ele também mantém uma escola de música para crianças carentes.

Agraciados das edições anteriores

1995

Antonio Carlos Magalhães Peixoto
Fernanda Montenegro
Celso Furtado
Joãozinho Trinta
Jorge Amado Leal de Faria
José Ephim Mindlin
José Sarney
Manoel Francisco do Nascimento Brito
Nise Magalhães da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Acedo Gribel
Roberto Marinho

1996

Bibi Ferreira
Franco Montoro
Athos Bulcão
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Mestre Didi
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Carybé
Padre Vaz

Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

1º Regimento de Cavalaria
de Guarda de Brasília - DF
2º Grupo de Artilharia de Campanha
Autopropulsado de Itu - São Paulo

Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado Peres Filho
Braguinha
David Assayag Neto
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Perla Ostrower
Gilberto Francisco Renato Allard
Chateaubriand Bandeira de Mello
Gilberto João Carlos Ferrez
Helena Maria Porto Severo da Costa
Hilda Hilst
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau Johannpeter

José Ermirio de Moraes Filho
José Saфра
Lúcio Costa
Luiz Barreto
Marcos Vinícios Rodrigues Vilça
Maria Clara Machado
Mãe Olga de Alaketu
Robert Broughton
Ubiratan Diniz de Aguiar
Wladimir do Amaral Murtinho

1998

Abram Abi Szajman
Altamiro Aquino Carrilho
Antonio Britto Filho
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
Mãe Cleusa do Gantois
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Gandra da Silva Martins
José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Milu Villela
Miguel Jorge
D. Neuma da Mangueira
Octávio Frias de Oliveira

Olavo Egydio Monteiro de Carvalho

Paulo Autran

Paulo César Ximenes Alves Ferreira

Roseana Sarney Murad

Ruth Rocha

Ruy Mesquita

Sebastião Salgado

Walter Hugo Khoury

Zenildo Gonzaga

Zoroastro de Lucena

1999

Abraão Koogan

Almir Gabriel

Aloysio Faria

Ana Maria Diniz

Antonio Houaiss (*in memoriam*)

Beatriz Pimenta de Camargo

Ecylla Brandão

Enrique Iglesias

Mãe Stella de Oxóssi

Ester Bertoletti

Hélio Jaguaribe de Mattos

João Antunes de Oliveira

Herminio Bello de Carvalho

Paixão Côrtes

Romero Magalhaes

J. Borges

Angel Vianna

Maria Cecilia Soares
de Sampaio Geyer

Maria Delith Balaban

Mário Covas

Paulo Fontainha Geyer

Washington Luiz Rodrigues Novaes

2000

Ana Maria Machado

Angela Gutierrez

Dom Geraldo

Dalal Achcar

Edino Krieger

Elizabeth D'Angelo Serra

Firmino Ferreira Sampaio Neto

Siron Franco

Gianfrancesco Guarnieri

Gilberto Gil

José Alves Antunes Filho

Luiz Henrique da Silveira

Luiz Sponchiado

Maria João Espírito

Santo Bustorff Silva

Zezé Mota

Ruth Escobar

Mário Garofalo

Martinho da Vila

Nelson José Pinto Freire

Paulo Tarso Flecha de Lima

Plínio Pacheco

Rodrigo Pederneiras Barbosa

Sabine Lovatelli

Sérgio Paulo Rouanet

Sérgio Silva do Amaral

Thomaz Jorge Farkas

Tizuka Yamasaki

2001

Thiago de Mello

Arthur Moreira Lima Júnior

Catherine Tasca

Célita Procópio de Araújo Carvalho

Pai Euclides

Dona Zica

Fernando Abílio Faro

Grêmio Recreativo Escola de Samba
Estação Primeira de Mangueira

Grêmio Recreativo Escola
de Samba Império Serrano

Grêmio Recreativo Escola
de Samba Portela

Grêmio Recreativo Escola de
Samba Unidos de Vila Isabel

Haroldo Costa

Henry Philippe Reichstul

Hildmar Diniz

Ivo Abrahão Nesralla

João Câmara Filho

Jamelão

Luciana Stegagno Picchio

Luiz Antonio Correa
Nunes Viana de Oliveira

Lygia Fagundes Telles

Mestre Salu

Milton Gonçalves

Milton Nascimento

Paulinho da Viola

Pilar Del Castillo Vera

Purificación Carpinteyro Calderon

Sari Bermudez

Sheila Copps

General Synésio

Dona Yvonne Lara

2002

Ana Botafogo

Lima Duarte

Candace Slater

Carlos Roberto Faccina

Dalva Lazaroni

Dom Paulo Evaristo Arns

Editora da Universidade de São
Paulo - Edusp (São Paulo, SP)

Eduardo Vianna

Frances Marinho

Maria Della Costa

Carequinha

Grêmio Recreativo Escola
de Samba Camisa Verde e
Branco, Barra Funda - SP

Grêmio Recreativo Escola de
Samba Vai Vai, Bela Vista - SP

Guillermo ÓDonnell

Rabino Henry Sobel

Instituto Pró-Música,
Juiz de Fora - MG

Jack Leon Terpins

Lelé

John Tolman

Dominguinhos

Mestre Juca

Julio José Franco Neves

Julio Landmann

Kabengele Munanga

Dona Lucinha

Seu Nenê de Vila Matilde

Marluy Miranda

Niêde Guidon

Borguetinho

Roberto Carlos

Roberto da Matta

Sergio Kobayashi

Silvio Sérgio Bonaccorsi Barbato

Sociedade Bíblica do
Brasileira Barueri, SP

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Vitae Apoio à Cultura,
Educação e Promoção Social

2003

Aloisio Magalhães (*in memoriam*)

Antônio Nóbrega

Ary Barroso (*in memoriam*)

Associação das Bandas
de Congo da Serra

Associação Folclórica Boi
Bumbá Caprichoso

Associação Folclórica Boi Garantido

Benedito Nunes

Cândido Portinari (*in memoriam*)

Carmem Costa

Casseta & Planeta

Centro Projeto Axé de Defesa e
Proteção à Criança e ao Adolescente

Coral dos índios Guarani

Dorival Caymmi

Eduardo Bueno

Chico Buarque

G.R.E.S. - Escola de Samba
Estação Primeira de Mangueira
- Mangueira do Amanhã

Agostinho da Silva

Maestro Gilberto Mendes

Afro Reggae

Grupo Cultural Jongo da Serrinha

Grupo Ponto de Partida
e Meninos de Araçuaí

Haroldo de Campos

Jorge Mautner

Herbert Vianna

Mestre João Pequeno

Bené Fonteles

Luiz Costa Lima

Manoel de Barros

Rubinho do Vale

Judith Cortesão

Marília Pêra

Milton Santos (*in memoriam*)

Zezé Di Camargo

Moacyr Scliar

Nelson Pereira dos Santos

Projeto Guri

Rita Lee

Roberto Farias

Rogério Sganzerla

Velha Guarda da Portela

Luciano (Dupla Zezé Di Camargo)

2004

Alberto da Costa e Silva

Angeli

Arnaldo Carrilho

Caetano Veloso

Quilombo da Serra do Cipó - MG

Grupo de Bumba-Meu-Boi
do Maranhão

Cordão da Bola Preta

Danilo Miranda

Pelé

Liz Calder

Fernando Sabino

Geraldo Sarno

As Ceguinhas de Campina Grande

Franco Fontana

Frans Krajcberg

Fundação Casa Grande-
Memorial do Homem Kariri

Inezita Barroso

João Donato

José Julio Pereira Cordeiro Blanco

Marcia Haydée

Vó Maria

As Ceguinhas de Campina Grande

Lia de Itamaracá

Violeta Arraes

Mauricio de Sousa

Movimento Arte contra a Barbárie

Odete Lara

Olga Pragner Coelho

Orlando Villas Bôas (*in memoriam*)

Ozualdo Candeias

Paulo Mendes da Rocha

Paulo José
 Povo Panará
 Pracatum - Escola
 Profissionalizantes de Músicos
 Projeto Dança Comunidade
 - Espetáculo "Samwaad -
 Rua do Encontro"
 Pulsar Cia. de Dança
 Rachel de Queiroz (*in memoriam*)
 As Ceguinhas de Campina Grande
 Renato Russo
 Teatro Oficina Uzyna Uzona
 Walter Firmo
 Waly Salomão

2005

Association Française
 D'Action Artistique (Afaa)
 Alfredo Bosi
 Ana das Carrancas
 Antonio Meneses
 Antonio Dias
 Augusto Carlos da Silva Telles
 Augusto Boul
 Pinduca
 Balé Stagium
 Carlos Lopes
 Circuito Universitário de
 Cultura e Arte (Cuca) / União
 Nacional dos Estudantes (UNE)
 Cleyde Yáconis
 Clóvis Moura
 Darcy Ribeiro
 Eduardo Coutinho
 Egberto Gismonti
 Eliane Lage
 Gilles Benoist
 Grupo Musical Bandolins de Oeiras
 Henri Salvador
 Izabel Mendes da Cunha

Jean de Gliniasty
 Jean François Chougnat
 Jean Gautier
 João Gilberto
 Almeida Prado
 Zé do Caixão
 Lino Rojas
 Mestre Bimba
 Maria Bethânia
 Mário Carneiro
 Maurice Capovilla
 Dona Militana
 Movimento Mangue Beat
 Museu Casa do Pontal
 Nei Lopes
 Nino Fernandes
 Xangô da Mangueira
 Paulo Linhares
 Raphaël Bello
 Renaud Donnedieu de Vabres
 Roger Avanzi
 Ruth de Souza
 Silviano Santiago
 Mestre Pastinha
 Ziraldo

2006

Adriano de Vasconcelos
 Santos Dumont (*in memoriam*)
 Dona Tetê Cacuriá
 Amir Haddad
 Cora Coralina (*in memoriam*)
 Ana Maria de Oliveira
 Pepetela
 Mestre Verequete
 Banda de Pifanos de Caruaru
 Berthold Zilly
 Casa de Cultura Tainá

Conselho Internacional de Museus
 Curt Meyer Clason
 Daniel Munduruku
 Dino García Carrera (*in memoriam*)
 Emmanuel Nassar
 Escola de Museologia da UniRio
 Mestre Eugênio
 Feira do Livro de Porto Alegre
 Fernando Birri
 Grupo Corpo
 Henry Thorau
 Intrépida Trupe
 Ismael Diogo da Silva
 Johannes Odenthal
 Josué de Castro (*in memoriam*)
 Júlio Bressane
 Laura Cardoso
 Lauro César Muniz
 Luiz Phelipe de Carvalho
 Castro André
 Dona Lygia Martins Costa
 Mário Cravo Neto
 Mário Pedrosa (*in memoriam*)
 Mário De Andrade
 Ministério da Cultura da Espanha
 Moacir Santos
 Museu de Arqueologia do Xingó
 Paulo César Saraceni
 Pompeu Christóvam de Pina
 Centro de Estudos e Ações Solidárias
 Racionais MCS
 Ray-Güde Mertin
 Rodrigo Melo Franco de
 Andrade (*in memoriam*)
 Sábato Magaldi
 Sívuca
 Tânia Andrade Lima
 Boi Do Seu Teodoro
 Tomie Ohtake
 Vladimir Carvalho

2007

Abdias Nascimento
 Lina Bo Bardi (*in memoriam*)
 Dodô e Osmar (*in memoriam*)
 Álvaro Siza Vieira
 Cartola (*in memoriam*)
 Walter Smetak
 Tom Jobim
 Associação Cultural Cachuera!
 Escola de Circo Picolino
 Banda Cabacal
 Céline Imbert
 Cildo Meireles
 Claude Lévi-Strauss
 Clube do Choro de Brasília
 Tostão
 Solano Trindade (*in memoriam*)
 Glauber Rocha (*in memoriam*)
 Grupo Nós do Morro
 Hélio Oiticica (*in memoriam*)
 Bárbara Heliadora (*in memoriam*)
 Hermilo Borba Filho (*in memoriam*)
 Jean-Claude Bernardet
 Jorge Ben Jor
 José Aparecido de Oliveira (*in memoriam*)
 Judith Malina
 Kanuá Kamayurá
 Lia Robatto
 Luis Otávio Sousa Santos
 Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira
 Luiz Gonzaga (*in memoriam*)

Luiz Mott
 Marcello Grassmann
 Tônia Carrero
 Museu Paraense Emílio Goeldi
 Orides Fontela
 Programa Castelo Rá-Tim-Bum
 Cacique Raoni
 Ronaldo Fraga
 Grande Otelo
 Selma do Coco
 Sérgio Britto
 Vânia Toledo

2008

Ailton Krenak
 Pixinguinha
 Johnny Alf
 Altemar Dutra (*in memoriam*)
 Anselmo Duarte
 Bule Bule
 Apiwtxa
 ABGLT
 ABI
 Yama
 Benedito Ruy Barbosa
 Carlos Lyra
 Centro Cultural Piollin
 Cláudia Andujar
 Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
 Dulcina de Moraes (*in memoriam*)

Edu Lobo
 Efigênia Ramos Rolim
 Elza Soares
 Emanuel Araújo
 Eva Todor
 Giramundo Teatro de Bonecos
 Goiandira do Couto
 Hans Joachim Koellreutter (*in memoriam*)
 Mercedes Sosa
 Instituto Baccarelli
 Zabé da Loca
 João Candido Portinari
 Guimarães Rosa (*in memoriam*)
 Sérgio Ricardo
 Leonardo Villar
 Marcantonio Vilaça (*in memoriam*)
 Maria Bonomi
 Mestres da Guitarrada
 Milton Hatoum
 Nelson Triunfo
 Orlando Miranda
 Otávio Afonso
 Paulo Emílio Salles Gomes (*in memoriam*)
 Paulo Moura
 Música no Museu
 Quasar Cia de Dança Ltda
 Roberto Corrêa
 Ruy Guerra
 Tatiana Belinky
 Teresa Aguiar
 Vicente Salles
 Marlene



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura

Juca Ferreira

Secretário-Executivo

Alfredo Manevy

Secretária de Articulação Institucional

Silvana Meireles

Secretário do Audiovisual

Silvio Da-Rin

Secretário de Cidadania Cultural

Célio Turino

Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura

Roberto Nascimento

Secretário da Identidade e da Diversidade Cultural

Américo Córdula

Secretário de Políticas Culturais

José Luiz Herencia

Agência Nacional do Cinema (Ancine)

Manoel Rangel

Fundação Biblioteca Nacional (BN)

Muniz Sodré

Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

José Almino de Alencar

Fundação Cultural Palmares (FCP)

Zulu Araújo

Fundação Nacional de Artes (Funarte)

Sérgio Mamberti

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

José do Nascimento Júnior

**Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional (Iphan)**

Luiz Fernando de Almeida

Ministério
da Cultura

